



Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ Diretoria de Pesquisas
Sociais Coordenação de Pesquisa de Campo Centro de Cultura
Prof. Luiz Freire Secretaria de Políticas Sociais – Prefeitura
Municipal de Olinda

Meninos e Meninas em Situação de Rua Olinda - Pernambuco



Adaptação da tela “Meninos brincando” – Cândido Portinari

Realização:



Coordenação

Cida Fernandes
Darcilene C. Gomes
Magda Caldas
Socorro Araújo

Equipe:**Fundação Joaquim Nabuco**

Amina M. Couto Ribeiro
Ana Elisa M. Vasconcelos Lima
Darcilene C. Gomes
Ivone Aquino de Medeiros
Magda de Caldas Neto

Centro de Cultura Luiz Freire

Almir Basio
Cida Fernandes
Cleone Santana
Fabíola Travassos
Socorro Araújo

Prefeitura de Olinda – Secretária de Políticas Sociais

Daniela Mendes Pontes

Supervisores:

Almir Basio – CCLF
Cynthia Pradines – CONDACO
Daniela Mendes Pontes – Prefeitura de Olinda
Fabíola Travassos – CCLF
Maíra Lapa – CRIA
Maria Sobral – CRIA
Socorro Barros – CRIA

Equipe de Processamento de Dados:

Abimael Fernandes de Lima Filho
Ana Maria Pereira de Arruda
Maria Fátima Barroca Medeiros

Entrevistadores:

Adriana Carneiro
Alda Rosa
Ana Marta Viana e Sousa
Carlos Eduardo Pereira Costa
Carlos Eduardo de Araújo
Clebson F. de Santana
Ednaldo Fernandes
Eduardo da Silva França
Emanoel F. de Santana
Isis M. A. Nascimento
Janierly Soares de Oliveira
Jonathan P. R. Ezequiel
José Vicente Ferreira
Laudicéa S. de Almeida
Luciana Dantas
Marcelo Leite
Maria das Neves Chaves
Maria Rafaela de Lima
Marielza de M. Arruda
Mauro Alves de Oliveira
Ricardo Pessoa
Rodrigo da Cruz Gomes
Viviane Ramos
Wellicândida S. Rodrigues

Equipe de apoio:

Edmir Eduardo da Silva - Querubins Rent a Car
José Alberto Revoredo de Oliveira - Querubins Rent a Car
Nilson Alexandre de Melo – Querubins Rent a Car
Paulo César Virgínio – CRIA
Thiago Alexandre de Melo – Querubins Rent a Car

ÍNDICE

Lista de figuras.....	5
Lista de Gráficos.....	5
Lista de tabelas.....	5
Lista de quadros.....	6
Apresentação.....	7
Introdução.....	8
1. Metodologia.....	11
1.1. Definição da população investigada.....	12
1.2. Equipe de Campo.....	13
1.3. Escolha dos Roteiros dos Pontos de Concentração.....	14
1.4. Instrumento de Coleta dos Dados.....	17
1.5. Operacionalização dos Trabalhos de Campo.....	17
1.6. POPULAÇÃO ENTREVISTADA.....	19
2. Perfil dos entrevistados.....	23
3. Residência/moradia.....	32
4. Escolaridade.....	38
5. Participação em programas.....	44
6. Vida nas ruas.....	48
7. Características do trabalho dos pais.....	57
8. Riscos.....	60
Considerações Finais.....	65
Bibliografia consultada.....	67
Anexo 1 – questionário.....	71

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Roteiros da pesquisa de campo, Olinda – 2007.....	16
Figura 2 – Sexo e idade dos meninos (as) em situação de rua, Olinda - 2007.....	28

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de entrevistados em cada dia da semana, Olinda - 2007.....	20
Gráfico 2 - Número de entrevistados por turno, Olinda - 2007.....	21
Gráfico 3 – Distribuição dos (as) meninos (as) em situação de rua por faixa etária, Olinda - 2007.....	24
Gráfico 4 – Meninos (as) em situação de rua distribuídos por faixas etárias, Olinda - 2007.....	25
Gráfico 5 – Meninos (as) em situação de rua distribuídos por sexo, Olinda - 2007.....	27
Gráfico 6 – Meninos (as) em situação de rua distribuídos por cor/raça declarada, Olinda - 2007.....	29
Gráfico 7 – População de até 24 anos distribuída por cor declarada, Olinda - 2000.....	29
Gráfico 8 – Meninos (as) em situação de rua distribuídos por município de nascimento, Olinda - 2007.....	30
Gráfico 9 – Meninos (as) em situação de rua distribuídos por referência religiosa, Olinda - 2007.....	31
Gráfico 10 – Meninos (as) em situação de rua distribuídos por local de moradia, Olinda - 2007.....	32
Gráfico 11 – Com quem os os meninos (as) em situação de rua moram, Olinda - 2007.....	33
Gráfico 12 - Percentual de meninos (as) em situação de rua matriculados na escola, Olinda - 2007.....	39
Gráfico 13 – Matriculados em qual turno? Olinda - 2007.....	39
Gráfico 14 – Crianças, adolescentes e jovens em idade escolar distribuídos por matrícula escolar, Olinda – 2000/2007.....	41
Gráfico 15 - Percentual de meninos (as) em situação de rua freqüentando a escola, Olinda - 2007.....	41
Gráfico 16 – Participação dos meninos (as) em situação de rua em programas governamentais, Olinda - 2007.....	45
Gráfico 17 – Programas citados pelos meninos (as) em situação de rua, Olinda - 2007.....	45
Gráfico 18 – Participa de atividades recreativas e/ou educacionais? Olinda - 2007.....	46
Gráfico 19 – Participou de atividades recreativas e/ou educacionais? Olinda - 2007.....	47
Gráfico 20 – Motivos que levaram os meninos (as) à rua, Olinda - 2007.....	49
Gráfico 21 – Pensa em sair das ruas? Olinda - 2007.....	53
Gráfico 22 – O que pretende fazer quando sair das ruas? Olinda - 2007.....	54
Gráfico 23 – Porque não pensa em sair das ruas? Olinda - 2007.....	54
Gráfico 24 – Qual seu maior sonho? Olinda - 2007.....	55
Gráfico 25 – Sua Mãe trabalha? Olinda - 2007.....	58
Gráfico 26 - Seu Pai trabalha? Olinda - 2007.....	59
Gráfico 27 – Distribuição dos meninos e meninas em situação de rua por tipo de risco, Olinda - 2007.....	63

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de entrevistados em cada dia da semana, por roteiro, Olinda - 2007.....	19
Tabela 2 - Número de entrevistados por turno e roteiro, Olinda - 2007.....	21

Tabela 3 – Distribuição dos (as) meninos (as) em situação de rua por faixa etária, Olinda - 2007.....	24
Tabela 4 – Meninos (as) em situação de rua distribuídos por idade, faixa etária e média da idade, Olinda - 2007.....	25
Tabela 5 – Meninos (as) em situação de rua distribuídos por Estado de nascimento, Olinda - 2007.....	30
Tabela 6 – Com quem os meninos (as) em situação de rua moram, Olinda - 2007.....	34
Tabela 7 – Com quem os os meninos (as) em situação de rua moram distribuídos por local de moradia – Olinda, 2007.....	35
Tabela 8 – Meninos (as) em situação de rua distribuídos por local mais freqüente de dormida, Olinda - 2007.....	36
Tabela 9 – Número de noites que os meninos (as) em situação de rua dormem nas ruas, pelo local mais freqüente de dormida, Olinda, 2007.....	36
Tabela 10 - Com quem dormem meninos (as) em situação de rua que pernoitam algum dia da semana na rua, Olinda, 2007.....	37
Tabela 11 – Jovens matriculados na escola regular em 2000 e jovens em situação de rua matriculados na escola regular em 2007, Olinda.....	43
Tabela 12 – Jovens com mais de 8 anos de estudo e anos médios de estudo, Olinda – 2000 e 2007.....	43
Tabela 13 – Tempo de vivência na rua, Olinda - 2007.....	48
Tabela 14 – Atividade realizada na rua, Olinda - 2007.....	50
Tabela 15 – Como os meninos (as) em situação de rua se alimentam quando estão nas ruas, Olinda - 2007.....	51
Tabela 16 – O que mais gosta na rua, Olinda - 2007.....	52

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Roteiros e pontos de atração, pesquisa de campo – Olinda, 2007.....	14
Quadro 2 – Programas sociais em execução, destinados à crianças e ao adolescente, no município de Olinda, 2007.....	44
Quadro 3 – Tipologia de riscos.....	62

APRESENTAÇÃO

O presente documento representa o encerramento da pesquisa “Levantamento dos Meninos e Meninas em Situação de Rua na Cidade de Olinda”, realizada pela Fundação Joaquim Nabuco em parceria com o Centro de Cultura Prof. Luiz Freire - CCLF e com a Prefeitura Municipal de Olinda, através da sua Secretaria de Políticas Sociais, em articulação com o CONDACO - Conselho de Direitos da Criança e do Adolescente de Olinda.

Este estudo foi desenvolvido pela Fundaj em atendimento a um convite do CCLF, que procurou esta instituição por saber da sua experiência na área da pesquisa sócio-econômica e por conhecer trabalho similar por ela realizado na cidade do Recife, no ano de 2003, quando a Fundação Joaquim Nabuco se encontrava como uma das gestoras do “Pacto Metropolitano pelas Crianças, Adolescentes e Jovens em Situação de Risco nas Ruas da RMR”, tentativa, dentro do Programa Nação Criança do MEC, de estruturar em Pernambuco um acordo entre os municípios com o objetivo de “garantir uma formação integral, geradora de futuro, para as crianças, adolescentes e jovens em situação de risco nas ruas, viabilizando sua reinserção social a partir de uma ação integrada entre o poder público federal, estadual e municipal, em interação com a sociedade e organizações não governamentais”.

Os resultados do levantamento efetuado em Olinda, que procurou não apenas contar a população (de zero aos vinte e quatro anos) que se encontrava em situação de risco nas ruas, mas também caracterizá-la, encontram-se reunidos neste relatório final da pesquisa e vem preencher uma enorme lacuna existente em relação à ausência de informações sobre esse universo, até então praticamente desconhecido. Espera-se que o diagnóstico da realidade encontrada possa contribuir para a formulação e implementação, em Olinda, de políticas públicas integradas que possibilitem a retirada da rua das suas crianças, adolescentes e jovens em situação de risco e vulnerabilidade social, dando-lhes condições para uma reintegração à família, à comunidade e à escola e para uma melhoria de vida.

INTRODUÇÃO

A realidade é sempre mais complexa do que se pode imaginar, sendo muito difícil delimitar as inúmeras situações com as quais se depara o pesquisador ao longo de um trabalho de pesquisa. Há transbordamentos de todos os lados. Situações que, em princípio, parecem fáceis de serem demarcadas, vão se apresentando como um todo composto de elementos combinados e que, efetivamente, dificultam o entendimento.

A pesquisa com meninos de rua, na rua, em situação de rua, mostra como os conceitos muitas vezes não apreendem as inúmeras situações às quais estão submetidas crianças e jovens do país. Uma das principais dificuldades em relação a esse grupo diz respeito ao caráter heterogêneo de sua manifestação, especialmente em determinados países.

Em sociedades que alcançaram elevado grau de desenvolvimento econômico, a integração da maior parte da população ao mercado de trabalho organizado e os mecanismos estatais de proteção social, permitiram que a infância e a adolescência contassem com mecanismos diversos de proteção.

No caso de sociedades mais heterogêneas, com médio ou baixo grau de desenvolvimento econômico, a estruturação do mercado de trabalho pautou-se pela exclusão de parcelas consideráveis da população do trabalho regular e estável. As instituições de proteção social também se desenvolveram de forma incompleta, não conseguindo atender ao enorme público necessitado de atenção estatal. A infância e a juventude, nesses países, encontraram (e encontram) enormes e, muitas vezes, intransponíveis obstáculos para se desenvolverem.

Nas diversas sociedades, a forma de ver e lidar com tal problemática não é estática. No Brasil, as políticas direcionadas às crianças e jovens sofreram mudanças significativas a partir dos anos 80. A nova legislação consagrou uma ampla movimentação social em defesa dos direitos da criança e do adolescente, algo que ganhou proporções até então inéditas no país.

Na esteira da movimentação social, pesquisas começaram a mostrar a realidade dos meninos com vivência na rua e ajudaram a desfazer alguns mitos. Naquele momento, acreditava-se que a maioria das crianças encontradas nas ruas não possuía vínculo familiar, era abandonada. Os dados evidenciaram que mais do que o abandono, do que a perda de vínculo com as famílias, a luta cotidiana pela sobrevivência era a explicação mais apropriada para compreensão do fenômeno. Os casos de ruptura (total ou parcial) dos laços familiares existiam, mas representavam uma pequena parcela das crianças e jovens encontrados nas ruas. Assim, passou-se a considerar “meninos de rua” (Gonçalves, 1979), ou “meninos em situação de rua” (Koller; Hutz, 1996) as crianças e adolescentes que trabalham, perambulam, esmolam nas ruas e que podem ter sido abandonadas pelos familiares ou que estão simplesmente utilizando o espaço das ruas como fonte para complementação da renda familiar. São, assim, indivíduos que vivem em situação de risco pessoal e social.

Do ponto de vista legal, a Constituição Federal de 1988¹ estabeleceu, em seu artigo 227, que é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente determinados direitos (à vida, à saúde, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária), bem como protegê-los de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, entre outros. Posteriormente, em 1990, foi aprovado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o qual é considerado “... um marco doutrinário e conceitual totalmente novo, diferente dos preceitos legais até então em vigor” (Giagueto, 2006:14). A legislação brasileira defende a doutrina da proteção integral, considerando a criança e o adolescente como sujeito de direitos, prioridade absoluta e pessoa em desenvolvimento (Faleiros, 2004).

Nesse sentido, a legislação brasileira veta o trabalho para menores de 16 anos² (exceto o aprendizado, o qual pode ser executado a partir dos 14 anos). O exercício de atividades de trabalho realizadas no período noturno e em condições que possam comprometer a saúde somente é permitido aos maiores de 18 anos.

Entretanto, quando se percorre as ruas das maiores cidades brasileiras, uma simples observação mostra que a realidade se sobrepõe à letra da lei. Nem a família,

¹ Foi aprovada pela Assembléia Geral da ONU, em 1989 a Convenção Internacional dos Direitos da Criança, entrando em vigor no ano seguinte.

² A Emenda Constitucional n.º 20/1998 proíbe qualquer trabalho aos menores de 16 anos no país. O Brasil ratificou a Convenção 138 e a Recomendação 146 da Organização Internacional do Trabalho (as quais versam sobre a idade mínima para admissão em empregos). Ver Decreto n.º 4.134 de 15/02/2002.

nem a sociedade e nem o Estado asseguram às crianças e adolescentes os direitos e a proteção inscritos na Carta Magna. E, deste modo, as crianças e os jovens comprometem seu desenvolvimento físico, psicológico e educacional ao necessitar, precocemente, buscar seu próprio sustento ou contribuir para a manutenção da família.

Não obstante a realidade de Olinda ser semelhante à de outras localidades, pouco se conhece sobre o cotidiano dos meninos e meninas em situação de rua encontrados no município. A pesquisa apresentada neste relatório visa preencher esta lacuna. Tratou-se, por meio de trabalho de campo, de efetuar a contagem e de realizar a caracterização do perfil do público infanto-juvenil localizado nas ruas da cidade.

O presente relatório está dividido em 9 itens. O primeiro apresenta uma nota introdutória ao tema da pesquisa. O item seguinte discorre sobre a metodologia utilizada no estudo dos meninos em situação de rua em Olinda. E, nos demais itens, os dados coletados são apresentados seguindo o ordenamento das questões levantadas no instrumento de coleta dos dados - o questionário. Fechando o relatório encontram-se as Considerações Finais, a Bibliografia Consultada e os Anexos.

1. METODOLOGIA

Procurou-se empregar no Levantamento dos Meninos e Meninas em Situação de Rua na Cidade de Olinda, a mesma metodologia aplicada em pesquisa similar realizada em Recife no ano de 2003 (Fundaj, 2003), quando a Fundação Joaquim Nabuco, em parceria com a Prefeitura da Cidade do Recife e Governo do Estado, efetuou a contagem, identificação e caracterização dos meninos e meninas que foram encontrados em situação de rua naquela cidade.

Em que consiste essa metodologia? Em um levantamento que contempla os sete dias da semana e os três turnos do dia: manhã, tarde e noite e que procura cobrir todo o espaço de tempo compreendido entre as 8:00 horas da manhã e as 23:00 horas com a presença de entrevistadores de campo nas ruas, circulando em roteiros previamente estabelecidos.

Optou-se por esse procedimento por acreditar que ele seja mais adequado que um levantamento pontual, de um único dia, já que seria muito difícil se eleger e justificar a escolha desse dia e também por ele já ter sido utilizado na pesquisa de Recife com sucesso. Ademais, a experiência em Recife mostrou que a presença nas ruas não necessariamente ocorre em todos os dias da semana, especialmente quando o (a) menino (a) mantém laços familiares (característica encontrada em boa parte dos meninos em situação de rua, conforme será visto). Neste sentido, a delimitação de um período de tempo maior para realização dos trabalhos de campo permite maior aproximação com a realidade do público inquirido.

Entretanto, tal metodologia se defronta com a possibilidade de dupla contagem, isto é, como os adolescentes podem se deslocar de um local para outro em horários diferentes ou até mesmo permanecer no mesmo local ao longo de todo o dia, alguns cuidados foram tomados. Em primeiro lugar, designou-se a mesma equipe, na quase totalidade das vezes, para percorrer sempre os mesmos roteiros. Em segundo lugar, após cada dia de trabalho, uma equipe de supervisores e coordenadores checava um

por um os questionários preenchidos buscando informações semelhantes – o que foi possível pelo número relativamente pequeno de questionários realizados diariamente.

Qualquer dúvida existente quanto à repetição de crianças contadas era discutida com a equipe de pesquisadores de campo, e, se comprovada a ocorrência, o questionário era eliminado da amostra³.

1.1. DEFINIÇÃO DA POPULAÇÃO INVESTIGADA

O acúmulo de experiências na realização de contagens e censos e a análise dos resultados obtidos em tais investigações constituíram importante auxílio no desenvolvimento de pesquisas posteriores, sendo que atualmente estão à disposição dos pesquisadores diversas formas de abordagem que podem ser utilizadas conforme os objetivos pretendidos.

Delimitar o objeto de estudo não é tarefa trivial e muitos pesquisadores e estudiosos empenham-se há mais de duas décadas em compreender a natureza do fenômeno e examinam formas mais adequadas de identificar os (as) meninos (as) em “situação de rua”, conforme denominação de Medeiros (1995) e Koller; Hutz (1996). A “situação de rua” caracteriza-se pela utilização deste espaço como meio para garantia da sobrevivência diária, não obstante a exposição aos riscos sociais e pessoais inerentes ao ambiente.

Koller; Hutz (1996) descrevem a situação de risco como aquela em que o desenvolvimento do indivíduo não ocorre conforme o esperado para a sua faixa etária, segundo os padrões culturais vigentes em determinadas sociedades. Uma criança é considerada em situação de risco quando exposta a situações que podem interferir neste desenvolvimento.

Neste sentido, os riscos pessoais e sociais devem ser compreendidos como aqueles fatores que podem causar prejuízo ao processo de crescimento e desenvolvimento das crianças, adolescentes e jovens, implicando também em perda de qualidade de vida (Medeiros, 1998).

Lescher (2004) descreve a situação de risco como a condição a qual as crianças e adolescentes estão submetidos na rua, isto é, a exposição “... à violência, ao uso de

³ Com esse procedimento, foram excluídos 16 questionários.

drogas e a um conjunto de experiências relacionadas a privações de ordem afetiva, cultural e socioeconômica que desfavorecem o pleno desenvolvimento bio-psico-social”.

Assim, procurou-se, na pesquisa em Olinda, entrevistar crianças, adolescentes e jovens que estavam utilizando o espaço da rua para trabalhar, esmolar, dormir, usar drogas, se prostituir ou simplesmente para perambular e brincar. Essa população pode ter sido abandonada pela família ou pode estar em convívio com ela e a permanência na rua ocorrer somente pela busca da complementação da renda familiar.

O trabalho de campo revelou situações em que a definição utilizada para identificação do público-alvo gerou dúvidas. Nestas circunstâncias, a decisão de inclusão no universo da pesquisa ficou a cargo da equipe de supervisão, a qual examinou cada um dos casos de forma minuciosa, optando, quando necessário, pelo retorno ao campo em busca de mais informações.

É importante mencionar que a pesquisa não tem por objetivo mensurar o trabalho infantil no município, tarefa muito mais ampla do que a realizada na investigação em questão. Procurou-se examinar somente uma forma de trabalho infantil: a realizada nos espaços públicos (ruas, praças, praia etc.) de Olinda. De outro modo, merece referência o expressivo número de crianças/adolescentes trabalhadores encontrados pelos entrevistadores em campo, constatação que por si só justificaria a realização de pesquisa sobre o tema na cidade.

1.2. EQUIPE DE CAMPO

Para coordenar os trabalhos de campo foi formada uma equipe composta por técnicos da Fundaj, da Prefeitura Municipal de Olinda - PMO e do Centro de Cultura Prof. Luiz Freire - CCLF.

Os entrevistadores de campo, selecionados pelo CCLF, totalizaram 24 e receberam treinamento dos técnicos da Fundaj. Eram educadores sociais⁴ vinculados a instituições municipais e pessoas ligadas a instituições não governamentais que atuam em Olinda com crianças e adolescentes carentes. Embora os entrevistadores não tivessem experiência com a atividade de pesquisa, eles possuíam habilidade para

⁴ São profissionais especializados no trabalho sócio-educativo de abordagem, sensibilização, vinculação e encaminhamento de crianças e adolescentes em situação de rua (Soares, 2003).

abordar os (as) meninos (as) em situação de rua por desenvolverem, em suas instituições, trabalhos com esse público.

A supervisão, ou seja, o acompanhamento dos entrevistadores de campo, ficou a cargo de uma equipe formada por oito técnicos, das três instituições que constituíram o núcleo gestor da pesquisa: Fundaj, CCLF e PMO. A equipe desenvolveu também um trabalho contínuo de orientação aos entrevistadores, objetivando sempre a melhoria do seu desempenho e, conseqüentemente, da qualidade das informações colhidas nos questionários.

A pesquisa contou também com o apoio logístico e administrativo de técnicos do CCLF, que garantiram o desenvolvimento dos trabalhos de campo dentro do tempo previsto.

1.3. ESCOLHA DOS ROTEIROS DOS PONTOS DE CONCENTRAÇÃO

Na já citada pesquisa sobre os meninos e meninas em situação de rua na cidade do Recife, a escolha dos roteiros foi feita a partir dos roteiros utilizados no estudo de contagem dos meninos e meninas de rua do Recife, desenvolvido pelo CIELA - Centro Interuniversitário de Estudos da América Latina, África e Ásia, no ano de 1999.

Nesta pesquisa de Olinda, como não se tinha conhecimento de dados anteriores, procurou-se definir os locais a serem pesquisados utilizando-se a observação empírica e as informações fornecidas pela equipe do Centro de Referência da Infância e Adolescência (CRIA)⁵. Foram selecionados 33 pontos de atração, ou seja, locais públicos com fluxo permanente de pessoas, para as quais podem ser oferecidos serviços diversos e onde são diariamente encontrados meninos e meninas em situação de rua. Os pontos identificados foram reunidos por proximidade, formando 5 roteiros que podem ser vistos no quadro 1. O roteiro 3 foi dividido em dois (3 e 3.1) por tratar-se de uma área de dimensões consideráveis, sendo necessário reforço no número de entrevistadores para cobrir a área de forma satisfatória. Os roteiros podem ser visualizados na figura 1 que os situa no mapa de Olinda.

⁵ O CRIA oferece um conjunto de ações sociais especializadas dirigidas a crianças e adolescentes (de 07 a 14 anos para atendimento e de 15 a 18 anos para encaminhamento) em situação de rua e suas famílias, buscando o fortalecimento de seus vínculos familiares e comunitários. É executado pela Prefeitura Municipal de Olinda e pelo Centro de Cultura Professor Luiz Freire.

Quadro 1 – Roteiros e pontos de atração, pesquisa de campo – Olinda, 2007

Roteiro	Pontos de atração:
1 – Varadouro Orla Marítima	1) Ilha do Maruim; 2) Mercado Eufrásio Barbosa; 3) V8; 4) Praia dos Milagres; 5) Del Chifre; 6) Inferninho; 7) Praça do Jacaré.
2 – Cidade Alta Carmo Casa Caiada Bairro Novo	1) Sé; 2) Carmo; 3) Imediações do Bompreço; 4) Comprebem e imediações; 5) Praça Doze; 6) Imediações do Flat Quatro Rodas; 7) Imediações do Habibs.
3 – Peixinhos Águas Compridas Sítio Novo	1) Feira de Peixinhos; 2) Nascedouro; 3) Comércio na parte baixa; 4) Sítio Novo; 5) Supermercado do Amigo Biá; 6) Centro de Convenções e imediações.
3.1 – Jardim Brasil II PE – 15 Ouro Preto	1) Mercadinho de Dinha; 2) Igreja de São Francisco; 3) Terminal de ônibus; 4) Atacadão; 5) Giradouro; 6) Presidente Kennedy; 7) Jatobá e imediações; 8) Imediações do Largo Tabajara.
4 – Rio Doce Bultrins Jardim Atlântico	1) Feira de Rio Doce; 2) Vila Olímpica; 3) Feira de Bultrins; 4) Av. Chico Science.
5 – Aguazinha	1) Lixão

Figura 1 – Roteiros da pesquisa de campo, Olinda – 2007



Fonte: Adaptado do GoogleMaps.

1.4. INSTRUMENTO DE COLETA DOS DADOS

Como o objetivo da pesquisa de Olinda era o mesmo daquele presente na pesquisa realizada com meninos e meninas de rua na cidade do Recife, tomou-se por base, para a confecção do instrumento de coleta dos dados, o questionário utilizado na pesquisa do Recife.

Nesses dois diferentes momentos (2003 e 2007), em duas distintas cidades (Recife e Olinda), a preocupação era a mesma: deveria se fazer não apenas uma contagem dos meninos e meninas que viviam ou se encontravam em situação de risco nas ruas, e sim uma identificação e caracterização dessas pessoas através do tratamento de variáveis como idade, sexo, grau de instrução, cor da pele, local de moradia, atividades desenvolvidas etc.

Na verdade, a idéia das instituições proponentes da pesquisa em Olinda é traçar um perfil da população de zero a vinte e quatro anos que se encontra nas ruas da cidade; é construir um diagnóstico da realidade de modo que possa subsidiar a implementação de políticas públicas integradas que contribuam, efetivamente, para a retirada das crianças, dos/as adolescentes e dos/as jovens das ruas.

O trabalho de elaboração do questionário foi realizado pela equipe da Copec/Fundaj e teve a participação de duas técnicas do CCLF. Depois de cinco reuniões para discussão do questionário base, foram feitas algumas modificações no conteúdo e no formato do questionário que seria utilizado na pesquisa de Olinda. As mudanças não foram em grande número e o questionário continuou com a estrutura central daquele aplicado na cidade do Recife em 2003. O modelo do questionário, que foi respondido pelos meninos e meninas em situação de rua na cidade de Olinda, pode ser consultado no anexo 1 deste relatório de pesquisa.

1.5. OPERACIONALIZAÇÃO DOS TRABALHOS DE CAMPO

A pesquisa de campo, ou seja, o levantamento de dados a partir da aplicação de questionários desenvolveu-se durante 7 dias contínuos, tendo seu início no dia 26 de agosto (domingo) e sua conclusão no dia 1º de setembro de 2007. Os locais visitados foram aqueles previamente escolhidos e identificados nos quatro roteiros iniciais (considerando os roteiros 3 e 3.1 como um só roteiro). Com o decorrer da

pesquisa, verificou-se a necessidade de criação de mais um roteiro, o de número 5, porque esse novo ponto de concentração de crianças, adolescentes e jovens nas ruas não havia sido anteriormente contemplado na seleção feita pelos técnicos do CRIA e não estava nas proximidades de nenhum dos outros roteiros já definidos.

O local disponibilizado para funcionar como uma central de trabalho da pesquisa foi o Centro de Atendimento às Vítimas da Violência (CEAV), situado no Carmo-Olinda. Neste centro as equipes de campo se reuniam para as idas e vindas do campo, onde também se procedia ao trabalho de revisão e armazenagem dos questionários já respondidos.

Os entrevistadores se distribuíram em duplas e cada dupla formava uma equipe. De modo geral, cada uma das equipes era responsável pelo levantamento de dados em um roteiro e em um turno, mas algumas duplas trabalharam em mais de um turno. O importante é que o esquema montado garantiu a cobertura de todos os roteiros selecionados nos três turnos de funcionamento da pesquisa.

Cada equipe de entrevistadores prestava uma hora de serviço interno, quando eram esclarecidas as dúvidas existentes no preenchimento dos questionários e quando os supervisores forneciam as orientações necessárias para o desenvolvimento do trabalho de campo. Depois dessa atividade, os entrevistadores estavam liberados para serem transportados até suas áreas de trabalho por carros que estavam a serviço da pesquisa. Algumas equipes, que tinham roteiros com itinerários extensos a serem percorridos, ficavam com o veículo durante todo o seu período de atuação. No turno da noite todas as equipes ficavam com o carro à sua disposição e no final do trabalho os entrevistadores eram levados até suas moradias.

A dinâmica do trabalho foi a mesma para os três turnos de coleta dos dados. Entrevistar o público alvo que se encontrasse nas ruas de Olinda, preenchendo o questionário de forma clara e precisa. Após a jornada diária de trabalho o entrevistador entregava os questionários preenchidos ao seu supervisor, que era responsável pela apreciação e validação dos mesmos.

1.6. POPULAÇÃO ENTREVISTADA

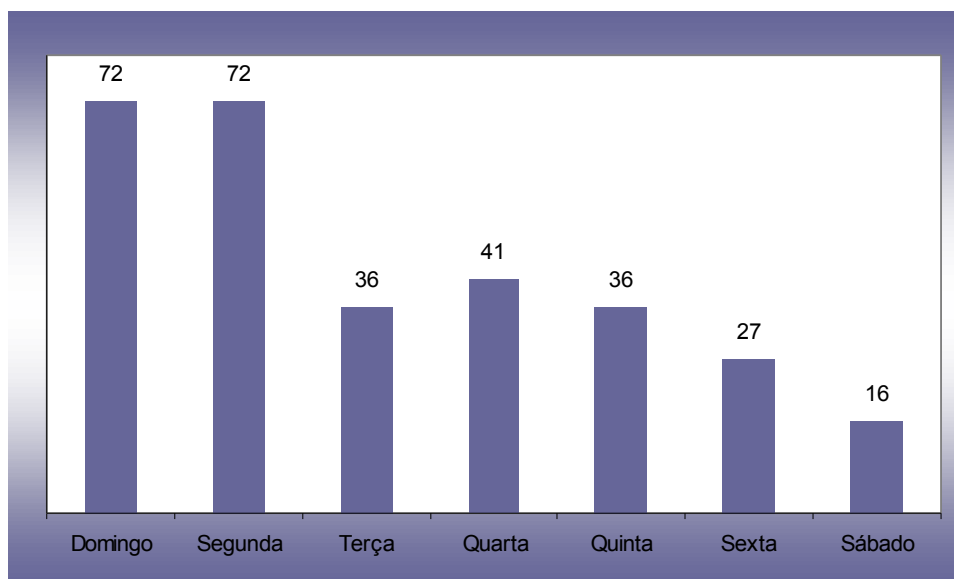
A pesquisa "Levantamento dos Meninos e Meninas em Situação de Rua na Cidade de Olinda", realizada no período de uma semana, *identificou, cadastrou e entrevistou 300 crianças e jovens com idades variando entre 5 e 24 anos*. Cabe aqui esclarecer que os questionários relativos às crianças mais novas (5, 6, 7 anos de idade) foram preenchidos com o auxílio de seus pais ou responsáveis, presentes no momento da entrevista.

A distribuição do universo pesquisado em cada dia da semana pode ser observada na Tabela 1 e também no Gráfico 1. Os números ali apresentados representam o total de entrevistados em cada um desses dias e não a quantidade concentrada nos pontos de abordagem. A média diária de entrevistas foi de 42,9, sendo que no domingo e na segunda-feira foi aplicado o maior número de questionários - 72, o que representa 48% do total geral (300).

Tabela 1 - Número de entrevistados em cada dia da semana, por roteiro, Olinda - 2007

Roteiros	Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Total	%
Roteiro - 1	15	21	3	10	5	1	1	56	18,7
Roteiro - 2	19	13	10	10	9	7	2	70	23,3
Roteiro - 3	11	15	9	4	9	1	5	54	18,0
Roteiro - 3.1	8	14	10	6	8	8	6	60	20,0
Roteiro - 4	19	9	4	11	4	5	2	54	18,0
Roteiro - 5	0	0	0	0	1	5	0	6	2,0
Total	72	72	36	41	36	27	16	300	100,0

Fonte: Pesquisa direta Fundaj/CCLF/PMO, 2007.

Gráfico 1 - Número de entrevistados em cada dia da semana, Olinda - 2007

Fonte: Pesquisa direta Fundaj/CCLF/PMO, 2007.

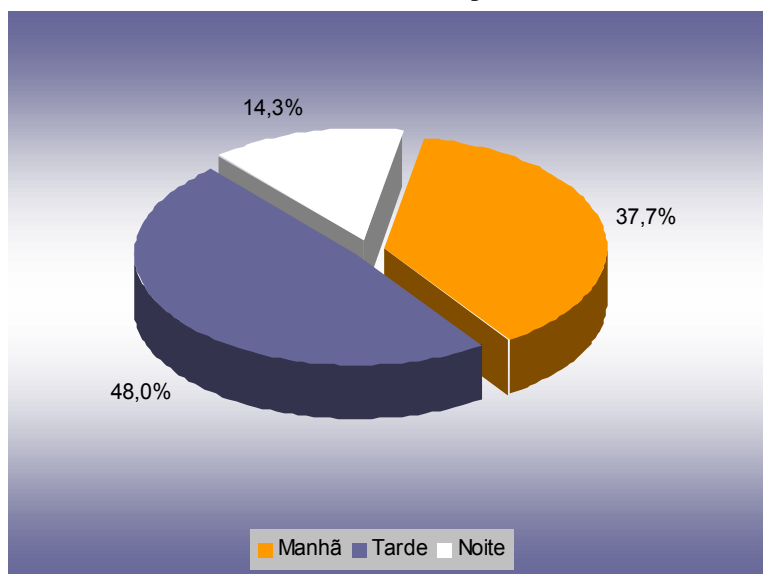
Em relação à quantidade de questionários por roteiro pesquisado, verifica-se, na Tabela 1, que existe um comportamento uniforme entre todos os roteiros, com exceção do roteiro 5, que pode ser explicado por ser esse roteiro constituído de um único ponto de concentração - o lixão de Aguazinha. Os demais roteiros são bem mais extensos e reúnem mais de um ponto de atração, como pode ser constatado na leitura do quadro 1. Embora o número de questionários dos roteiros 1, 2, 3, 3.1, e 4 estejam bem próximos, pode-se destacar o roteiro 2 como o que concentrou a maior quantidade de entrevistas realizadas (70).

Na Tabela 2 e no Gráfico 2, pode-se observar a distribuição do número de entrevistas em cada turno de realização do levantamento, sendo que na referida tabela estão também considerados os roteiros pesquisados.

Tabela 2 - Número de entrevistados por turno e roteiro, Olinda - 2007

Roteiros	Turno de realização da entrevista			Total
	Manhã	Tarde	Noite	
Roteiro - 1	22	27	7	56
Roteiro - 2	19	41	10	70
Roteiro - 3	25	20	9	54
Roteiro - 3.1	20	30	10	60
Roteiro - 4	23	24	7	54
Roteiro - 5	4	2	0	6
Total	113	144	43	300
%	37,7	48,0	14,3	100,0

Fonte: Pesquisa direta Fundaj//CCLF/PMO, 2007.

Gráfico 2 - Número de entrevistados por turno, Olinda - 2007

Fonte: Pesquisa direta Fundaj//CCLF/PMO, 2007.

O Gráfico 2 revela claramente que quase metade das entrevistas (48,0%) aconteceu no turno da tarde, que para a pesquisa correspondia ao intervalo de tempo compreendido entre 15 e 20 horas. No período da manhã foram entrevistados 37,7% do total (300 pessoas) e no horário noturno, que iniciava às 21 horas e terminava às 23 horas, 14,3%. Cabe aqui salientar que, por motivos de segurança, o turno da noite teve seu número de horas de abordagem ao público alvo da pesquisa menor do que os demais.

Na Tabela 2 pode ser visto que apenas os roteiros 3 (inclui a feira de Peixinhos e o Nascedouro) e 5 (lixão de Aguazinha) apresentam um número de entrevistas maior no turno da manhã que no da tarde. As entrevistas realizadas a partir das 21 horas da noite foram em número mais reduzido e se distribuíram em proporções aproximadas quanto ao roteiro onde se inseriam os locais selecionados para observação durante todos os 7 dias de realização da pesquisa de campo. Isso significa dizer que numericamente não se pode eleger um único local como ponto noturno concentrador de crianças, adolescentes e jovens nas ruas de Olinda. Excluindo o roteiro 5, onde não foi feita nenhuma entrevista no período da noite, os demais roteiros apresentam as seguintes quantidades de entrevistados - roteiros 2 e 3.1 (10); roteiro 3 (9) e roteiros 1 e 4 (7).

2. PERFIL DOS ENTREVISTADOS

A pesquisa permitiu a caracterização dos meninos e meninas em situação de rua a partir do levantamento de informações sobre a idade, cor/raça, referência religiosa e local de nascimento.

No que diz respeito à idade, optou-se por entrevistar a população de 0 e 24 anos, respeitando, dessa forma, a legislação brasileira inscrita no Estatuto da Criança e do Adolescente e na Lei 11.129/05. O Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) estabelece como “crianças” os indivíduos com idade entre 0 a 11 anos de idade; e “adolescentes” aqueles de 12 a 18 anos de idade⁶. Embora a Lei 11.129/05 estabeleça como público da política nacional de juventude os jovens de 15 a 29 anos, decidiu-se limitar a pesquisa aos jovens de até 24 anos. Ressalta-se que esse recorte não foi arbitrário, pois além de levar em conta o limite etário utilizado em vários estudos sobre a juventude, também considera os principais programas dirigidos à juventude no Brasil os quais estipulam 24 anos como limite de idade⁷.

Constatou-se, inicialmente, que o grupo mais encontrado em situação de rua é o de adolescentes (de 12 a 18 anos). Conforme dados da tabela 3, 53,7% dos entrevistados tinham idade que variavam de 12 a 18 anos⁸. As crianças vêm em seguida com 33,7% dos entrevistados. Juntos, crianças e adolescentes perfazem pouco mais de 87% do total de entrevistados. O peso dos adolescentes se reflete na idade média dos entrevistados: 13,7 anos. Essa média de idade encontrada na pesquisa não difere da relatada em vários estudos sobre o tema, os quais mostram que nos países da América Latina a idade média dos meninos (as) encontrados em situação de rua, nos anos 80, estava entre 10 e 14 anos (Rizzini; Lusk, 1995). A idade mediana dos meninos e meninas entrevistados é de 13 anos.

⁶ Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade.

⁷ Como o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Pró-Jovem), criado pela Lei 11.129/05.

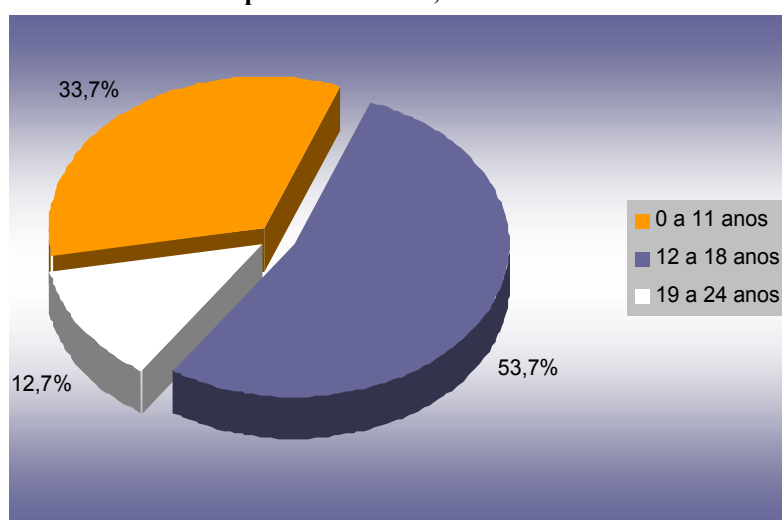
⁸ O maior percentual de adolescentes não é reflexo da estrutura etária da população olindense, pois, de acordo com o Censo Demográfico de 2000, as crianças são mais numerosas do que os adolescentes. O primeiro grupo representava 20,8% da população da cidade, os adolescentes representavam 14%.

Tabela 3 – Distribuição dos (as) meninos (as) em situação de rua por faixa etária, Olinda - 2007

Grupo	Faixa Etária	N.º	%
Crianças	0 a 11 anos	101	33,7
Adolescentes	12 a 18 anos	161	53,7
Jovens 1	19 a 24 anos	38	12,7

Fonte: Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

Gráfico 3 – Distribuição dos (as) meninos (as) em situação de rua por faixa etária, Olinda - 2007



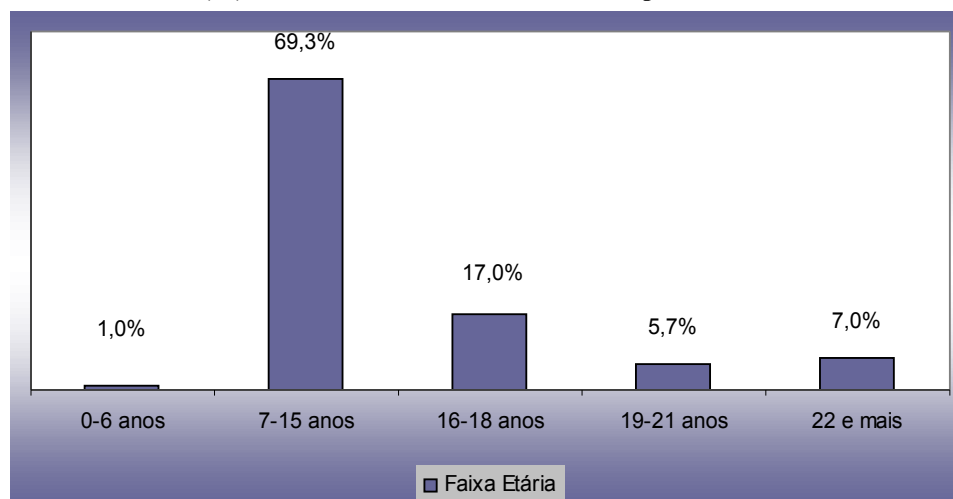
Fonte: Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

A tabela 4 mostra a distribuição dos entrevistados por idade e faixas etárias sugeridas pelas instituições que atuam junto ao público definido. Observa-se que a faixa etária de 7 a 15 anos é a mais representativa dos meninos (as) em situação de rua em Olinda, correspondendo a 69,3% do total. Em seguida vem a faixa de 16 a 18 anos (17%). Foram encontradas poucas crianças menores de 6 anos de idade – apenas 1% do total dos entrevistados (gráfico 4).

Tabela 4 – Meninos (as) em situação de rua distribuídos por idade, faixa etária e média da idade, Olinda - 2007

Idade/Faixa Etária	N.º entrevistados	Média de idade
5	2	
6	1	
0 a 6 anos	3	5,3
7	10	
8	12	
9	20	
10	28	
11	28	
12	30	
13	34	
14	25	
15	21	
7 a 15 anos	208	11,5
16	20	
17	19	
18	12	
16 a 18 anos	51	16,8
19	12	
20	2	
21	3	
19 a 21 anos	17	19,5
22	2	
23	9	
24	10	
22 e mais	21	23,4
Total	300	13,7

Fonte: Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

Gráfico 4 – Meninos (as) em situação de rua distribuídos por faixas etárias, Olinda - 2007

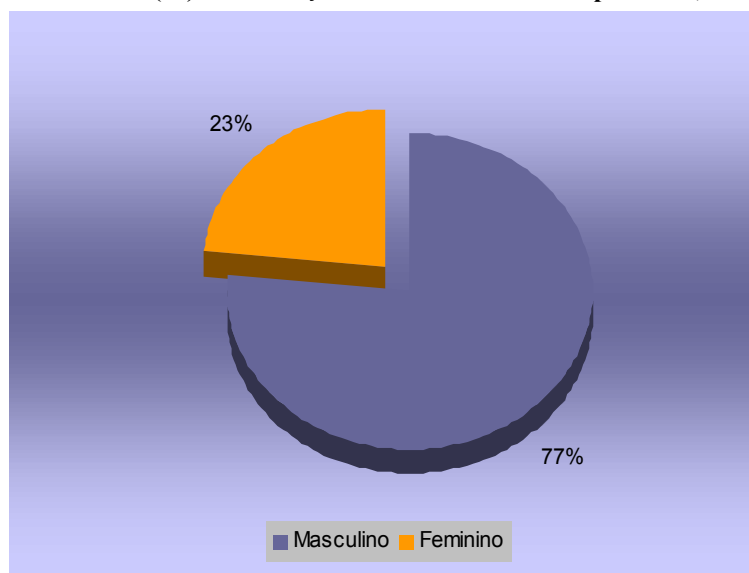
Fonte: Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

A vivência na rua é uma situação que atinge mais o gênero masculino, o que em Olinda equivale a 77% dos entrevistados (ou 230 meninos) em Olinda⁹ (ver gráfico 5). Essa mesma constatação foi observada em diversos estudos, sobre o tema, realizados em outras cidades brasileiras, tais como Recife, Rio de Janeiro, Belém, Rio Preto (Oliveira, 1989; Fundaj, 2003; Rizzini; Rizzini, 1992; Gonçalves, 1979; Martins, 2002). A predominância masculina está, provavelmente, relacionada a aspectos culturais. De acordo com Oliveira (1989:31), “... as famílias preservam normas de comportamento, segundo as quais o ‘homem pode tudo’, enquanto às mulheres são vedadas atividades que assumam o significado de maior liberdade”. Além disso, enquanto às mulheres são reservadas tarefas domésticas (arrumar a casa, cuidar dos irmãos menores ou até mesmo o serviço doméstico na residência de terceiros), os homens devem ajudar na reprodução material da família, buscando alguma atividade na qual possam obter renda. Assim, passam a executar determinados trabalhos, geralmente no comércio ou prestação de serviços.

⁹ Considerando a população de até 24 anos, o Censo de 2000 mostrou equilíbrio entre homens e mulheres em Olinda. Ambos representam 50% da população. É interessante observar que o número de homens é superior ao de mulheres quando são examinadas as crianças por idade. Conforme a idade cresce, aumenta a proporção de mulheres na população, pois os coeficientes de mortalidade masculina são mais elevados que os femininos (Laurenti; Jorge; Gotlieb, 2005). Entretanto, têm chamado a atenção de muitos pesquisadores a sobremortalidade de jovens do sexo masculino nos grandes centros urbanos, mortes explicadas, especialmente, pelas chamadas “causas externas”, entre as quais o homicídio se destaca (ver Pochmann, 2002; Jorge, 1998; Laurenti; Jorge; Gotlieb, 2005).

O maior percentual de entrevistados do sexo masculino nas ruas certamente influencia as estatísticas sobre mortalidade juvenil no Brasil (ver nota 9), devido à exposição diária desse grupo a toda sorte de eventos.

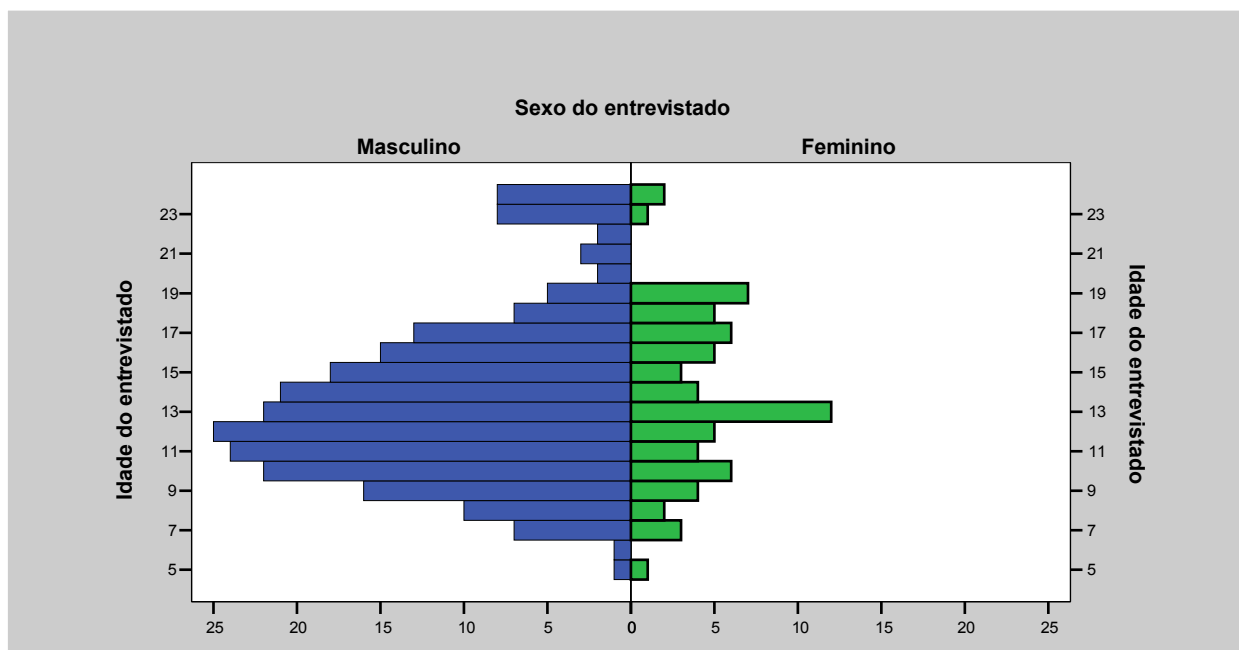
Gráfico 5 – Meninos (as) em situação de rua distribuídos por sexo, Olinda - 2007



Fonte: Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

A figura 2 exhibe os entrevistados distribuídos por sexo e idade. Vê-se que os adolescentes são mais numerosos tanto entre os homens quanto entre as mulheres. A idade média das meninas entrevistadas é 13,9 anos, enquanto a dos meninos é 13,6 anos.

Figura 2 – Sexo e idade dos meninos (as) em situação de rua, Olinda - 2007



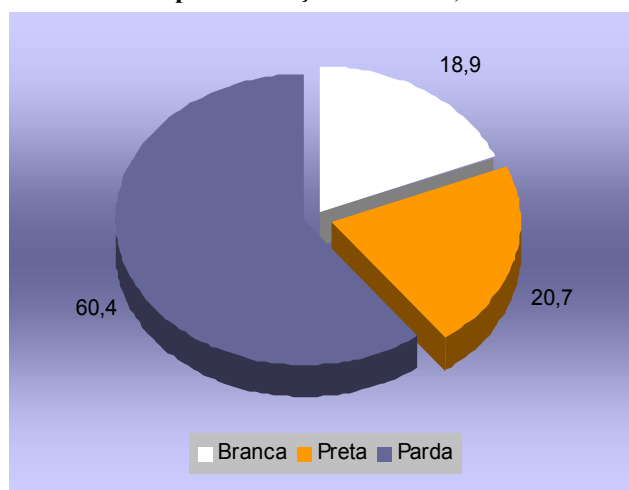
Fonte: Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

A aferição da cor da pele é reconhecidamente sujeita a imprecisão. Neste sentido, a forma mais utilizada¹⁰ em pesquisas sociais tem como critério a auto-declaração, a qual permite uma interpretação mais cultural dos dados obtidos (no sentido de identificação pessoal, valores compartilhados), do que propriamente racial (Schwartzman, 1996 e 1998). A pesquisa em Olinda procurou seguir o mesmo critério de auto-definição, e a questão foi respondida por 275 dos 300 meninos (as) ouvidos (as). Apenas 24 meninos e 1 menina não quiseram ou não souberam informar a cor.

O gráfico 6 mostra os meninos (as) em situação de rua em Olinda por cor/declarada. Observa-se que mais da metade (60,4%) declarou ser da cor parda, 20,7% preta e 18,9% branca. Considerando a população de 0 a 24 anos em Olinda, o Censo de 2000 mostra distribuição diferente, especialmente no que diz respeito ao peso dos brancos – significativamente superior ao encontrado entre os meninos (as) de rua; e dos negros – inferior ao percentual declarado pelos meninos na pesquisa de Olinda (gráfico 7).

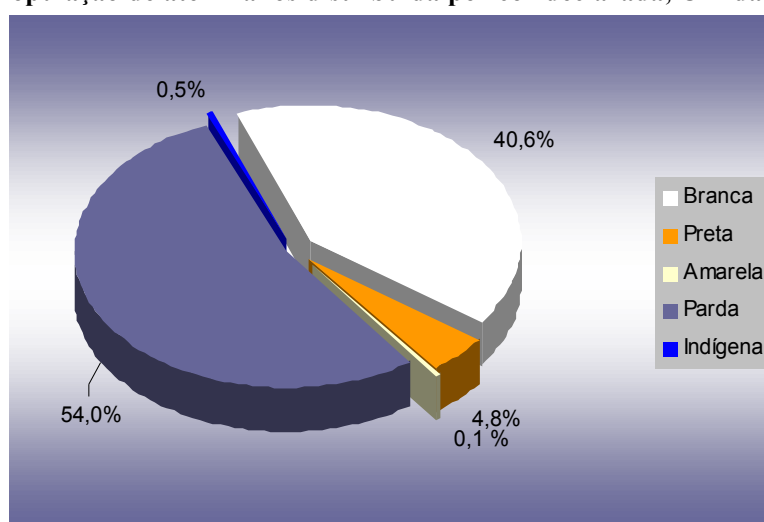
¹⁰ Não sem controvérsias.

Gráfico 6 – Meninos (as) em situação de rua distribuídos por cor/raça declarada, Olinda - 2007



Fonte: Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.
Obs.: foram contados aqueles que efetivamente responderam à questão (275 entrevistados).

Gráfico 7 – População de até 24 anos distribuída por cor declarada, Olinda - 2000



Fonte: Censo Demográfico de 2000.

Considerando as respostas válidas, a quase totalidade dos entrevistados informou ter nascido no estado de Pernambuco (96,2%)¹¹. Estendendo para a região nordeste, ou seja, levando em conta os nascidos nos estados nordestinos, o mesmo percentual cresce para 98%. Foram encontrados, ainda, nascidos nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Mato Grosso (tabela 5).

¹¹ Mesmo percentual encontrado no Censo de 2000 entre a população de até 24 anos residente em Olinda.

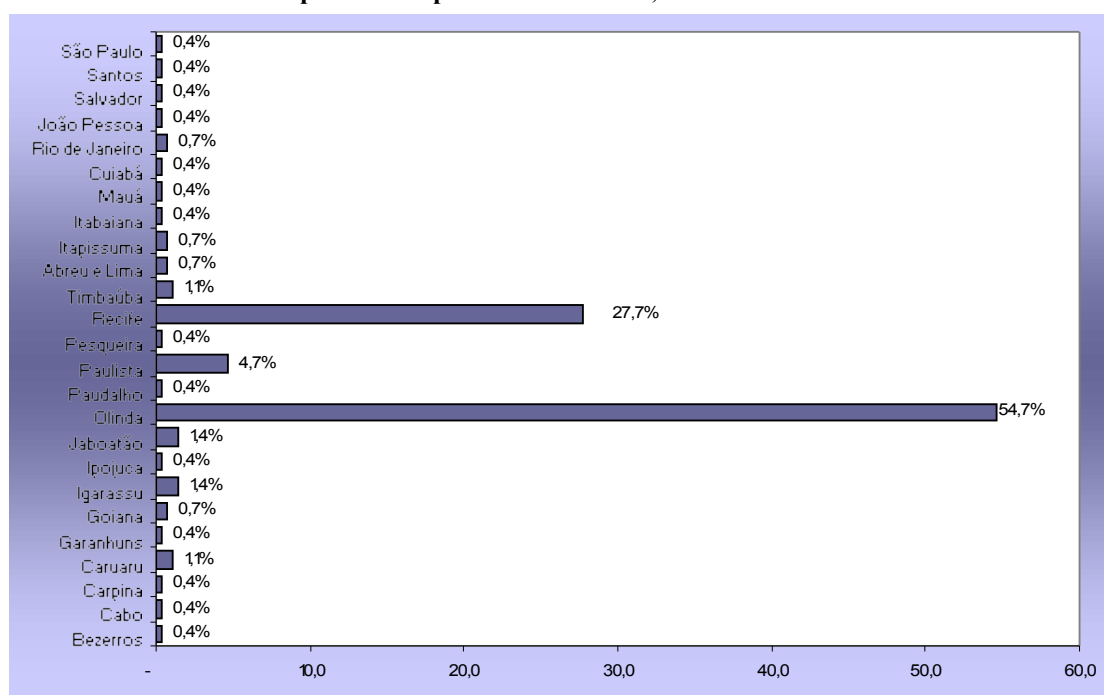
Tabela 5 – Meninos (as) em situação de rua distribuídos por Estado de nascimento, Olinda - 2007

UF	%
Pernambuco	96,2
São Paulo	1,0
Paraíba	0,7
Rio de Janeiro	0,7
Maranhão	0,3
Sergipe	0,3
Bahia	0,3
Mato Grosso	0,3
Total	100,0

Fonte: Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

Entre os municípios de nascimento destacam-se Olinda (54,7% dos entrevistados), Recife (25,7%) e, em menor percentual, Paulista (4,7%). Considerando a Região Metropolitana de Recife (RMR), verifica-se que a soma do percentual dos que nasceram em algum dos seus municípios é de 92,1%. Os dados estão expostos no gráfico 8.

Gráfico 8 – Meninos (as) em situação de rua distribuídos por município de nascimento, Olinda - 2007



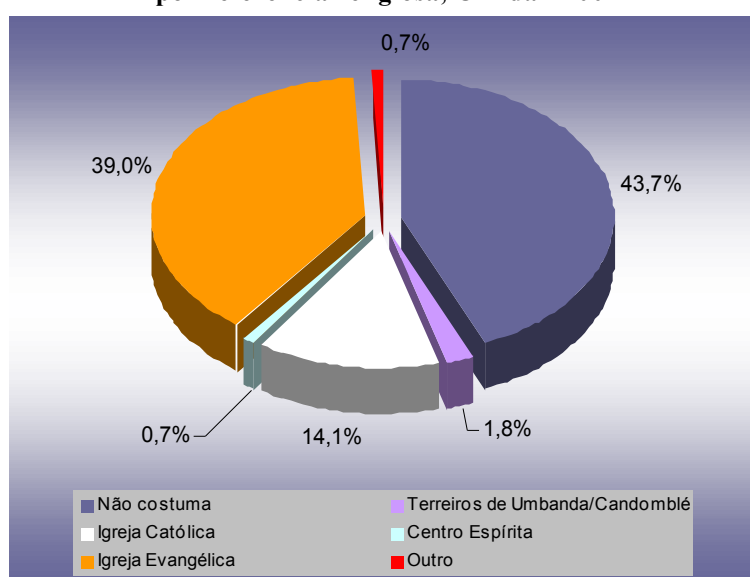
Fonte: Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

Mesmo reconhecendo a heterogeneidade do grupo pesquisado, é possível perceber algumas tendências nos dados sobre o perfil dos meninos e meninas em situação de rua no município de Olinda. Apreciando as informações sobre idade, testemunhou-se o predomínio de adolescentes. As informações sobre o sexo, indicam preponderância dos homens. Os números sobre cor/raça declarada apontam que prevalecem os não-brancos. Por último, o local de nascimento mais expressivo foi o estado de Pernambuco, especialmente os municípios da RMR.

O item sobre o perfil do entrevistado se completa com as informações sobre religião. A pergunta dirigida aos entrevistados tinha por objetivo captar alguma referência religiosa, não necessariamente relacionada à crença, mas ao fato de freqüentarem cultos ou atividades realizadas em espaços vinculados a instituições religiosas.

O gráfico 9 mostra a distribuição dos meninos (as) em situação de rua por referência religiosa. Grande parte dos entrevistados (43,7%) afirmou não freqüentar nenhum templo religioso. A igreja evangélica foi citada por 39% dos entrevistados e a católica foi mencionada por 14,1%. Tanto as religiões afro-brasileiras, quanto o espiritismo foram pouco citadas na pesquisa.

Gráfico 9 – Meninos (as) em situação de rua distribuídos por referência religiosa, Olinda - 2007

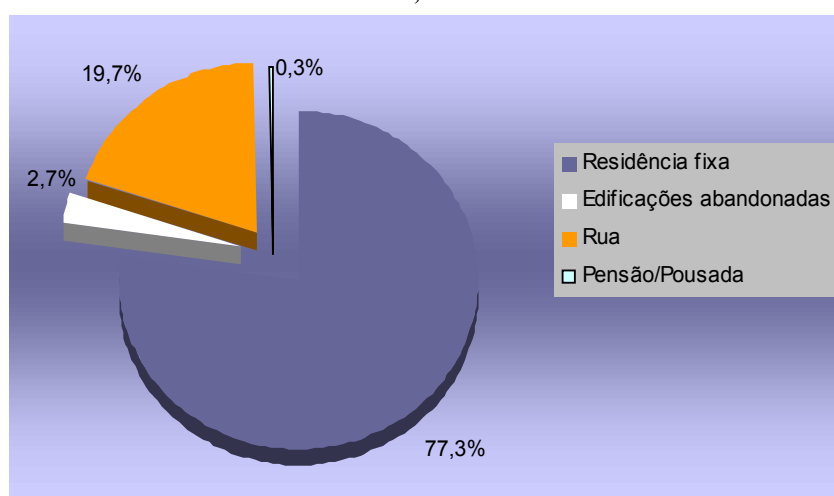


Fonte: Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

3. RESIDÊNCIA/MORADIA

A maioria dos meninos e meninas em situação de rua informou possuir residência fixa (77,3%), mas a pesquisa não averiguou as condições de tais residências. A rua é referência de local de moradia para quase 20% dos entrevistados. Se forem somados a esse grupo aqueles que vivem em “edificações abandonadas”, local também precário de moradia, o percentual de entrevistados sobe para 22,4% (gráfico 10). Dito de outro modo, 1 em cada 5 meninos entrevistados nas ruas de Olinda afirmou morar na rua ou em edificações abandonadas.

Gráfico 10 – Meninos (as) em situação de rua distribuídos por local de moradia, Olinda - 2007



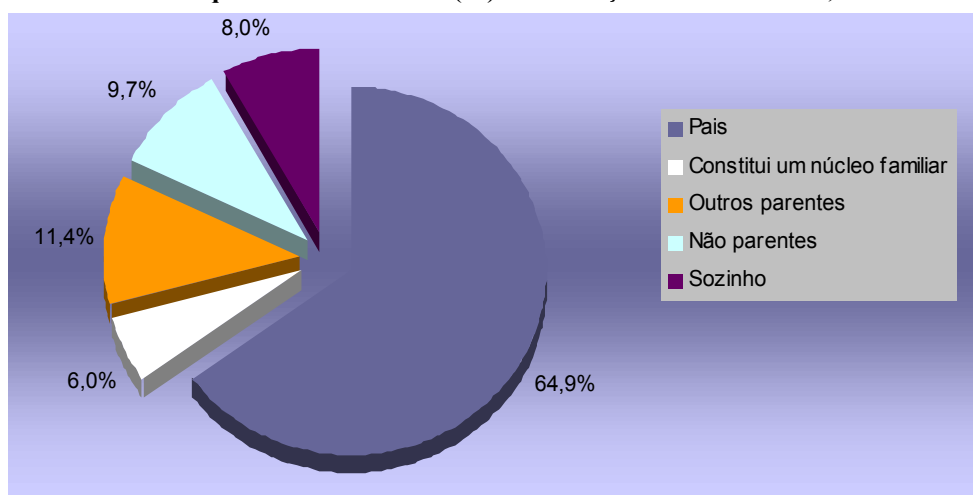
Fonte: Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

Além da indagação sobre o local de moradia, buscou-se averiguar a existência de laços entre os meninos (as) e seus familiares. O gráfico 11 (ver também tabela 6) mostra que 2 em cada 3 entrevistados informaram residir com os familiares, sendo 65% com os Pais (ambos, ou somente um deles) e 11,4% com outros parentes (como os avós). Tal informação conjugada com a anterior demonstra que a realidade de Olinda não difere daquela encontrada em outras cidades brasileiras. Muitos

pesquisadores vêm indicando que os meninos (as) em situação de rua, em sua parcela mais numerosa, não são moradores de rua, ou seja, possuem residência fixa; e também não são meninos abandonados (ou órfãos), pois residem com familiares. Estar na rua não implica, para este grupo, abandonar a casa. Não obstante a existência de ligação com os familiares, a pesquisa não permite cotejar a natureza ou o grau de tal conexão¹².

Cerca de 10% dos entrevistados informaram residir com não parentes (amigos, por exemplo), 8% responderam que vivem sozinhos e 6% constituíram núcleo familiar (sendo pessoa de referência ou cônjuge).

Gráfico 11 – Com quem os os meninos (as) em situação de rua moram, Olinda - 2007



Fonte: Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

¹² Variáveis que demandariam outro tipo de pesquisa para serem avaliadas.

Tabela 6 – Com quem os meninos (as) em situação de rua moram, Olinda - 2007

Com quem mora?	N.º	%
Pais	194	64,9
Com o Pai	12	4,0
Com a Mãe	104	34,8
Com os Pais	78	26,1
Constitui um núcleo familiar	18	6,0
Companheiro (a)	14	4,7
Com os filhos	4	1,3
Outros parentes	34	11,4
Avós	23	7,7
Outros parentes	6	2,0
Irmãos	5	1,7
Não parentes	29	9,7
Não parentes	3	1,0
Amigos	26	8,7
Sozinho	24	8,0
Total	299	100,0
Não respondeu	1	-

Fonte: Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

Possuir ou não laços familiares¹³ tem relação direta com o local de moradia. Entre os entrevistados que informaram ter residência fixa, 80,2% moravam com os pais e 13,8% com outros parentes. Já entre os 58 meninos (as) que revelaram residir nas ruas, 75,9% moravam com não parentes ou sozinhos (tabela 7).

¹³ Embora se reconheça a existência de uma ampla literatura sobre o conceito de família, considerou-se, simplificada, como “laços familiares” o vínculo estabelecido entre os meninos (as) e seus parentes consanguíneos.

Tabela 7 – Com quem os os meninos (as) em situação de rua moram distribuídos por local de moradia – Olinda, 2007

Com quem mora?	Residência fixa		Edificações abandonadas		Rua		Pensão/ Pousada	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Pais	186	80,2	7	-	1	1,7	-	-
Constitui núcleo familiar	6	2,6	-	-	11	19,0	1	100,0
Outros parentes	32	13,8	-	-	2	3,4	-	-
Não parentes	5	2,2	1	12,5	23	39,7	-	-
Sozinho	3	1,3	-	-	21	36,2	-	-
Total	232	100,0	8	100,0	58	100,0	1	100,0

Fonte: Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

Outros estudos sobre a temática revelam que muitos meninos (as) costumam utilizar os espaços públicos para fins diversos (trabalhar, para lazer, usar drogas), mas retornam à noite para seus lares. Em Olinda, 73% dos entrevistados afirmaram voltar frequentemente para dormir em casa (tabela 8) e, desses, 77,6% (tabela 9) afirmaram dormir todas as noites em suas residências 16,4% informaram dormir de 1 a 3 noites na rua). Os dados mostram que há um grupo de meninos (as) que mesmo possuindo residência fixa, faz da rua seu local de pernoite algumas vezes na semana. Alguns são meninos (as) que trabalham, provavelmente longe de casa, não conseguindo retornar ao seu domicílio todas as noites. Outros ficam nas ruas usando drogas e/ou se afastam do convívio familiar por conflitos, como a violência doméstica. É importante destacar na pesquisa a grande referência ao uso de drogas – seja pelo próprio menino (a) ou por seus parentes.

Tabela 8 – Meninos (as) em situação de rua distribuídos por local mais freqüente de dormida, Olinda - 2007

Local	%
Em casa	73,0
Nas bancas de feiras	1,3
Nos bancos de praças	2,3
Não tem lugar certo	5,3
Em edificações em construção	0,3
Em edificações abandonadas	3,0
Nas calçadas	11,3
Pensão/Pousada	0,7
Outro	1,7
Não sabe / Não respondeu	1,0
Total	100,0

Fonte: Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

Tabela 9 – Número de noites que os meninos (as) em situação de rua dormem nas ruas, pelo local mais freqüente de dormida, Olinda, 2007

Onde dorme Com mais freqüência	Quantas vezes na semana o entrevistado dorme na rua?					Total
	Todas as noites	De 1 até 3 noites	De 4 até 6 noites	Nenhuma noite	NS/NR	
Em casa	-	16,4	-	77,6	5,9	100,0
Improvisados	71,8	9,9	15,5	2,8	-	100,0
Pensão/Pousada	50,0	-	-	50,0	-	100,0
Outro	20,0	20,0	-	60,0	-	100,0
NS/NR	33,3	-	-	-	6,7	100,0
Total	18,0	14,7	3,7	58,7	5,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

Aproximadamente 24% dos entrevistados relataram dormir em locais inadequados e precários, tais como: bancos de praças, calçadas, edificações abandonadas ou em construção (tabela 8), sendo que 71,8% dormem todas as noites nesses locais. (tabela 9).

Para os entrevistados que revelaram dormir algum dia da semana na rua, perguntou-se com quem eles dormiam frequentemente: 52% afirmaram dormir com não parentes (especialmente amigos); 22,7% dormem sozinhos nas ruas; 14,5% fazem

parte de um núcleo familiar (vivendo com os cônjuges na rua). São relativamente poucos os entrevistados que ao dormir nas ruas o fazem com familiares (6,4%) ou com os pais – 4,5% (ver tabela 10). Cabe ressaltar que a pergunta tinha por objetivo conhecer, segundo a interpretação do entrevistado, quais as pessoas que o acompanhavam na vivência de rua.

Tabela 10 - Com quem dormem meninos (as) em situação de rua que pernoitam algum dia da semana na rua, Olinda, 2007

	%
Não parentes	51,8
Sozinho	22,7
Constitui núcleo familiar	14,5
Outros parentes	6,4
Pais	4,5
Total	100,0

Fonte: Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

No que diz respeito à residência/moradia, a pesquisa indicou que a maior parte dos meninos e meninas em situação de rua possui residência fixa, mora com seus familiares e dorme todas as noites em casa. Assim, pode-se afirmar que as crianças e adolescentes em situação de rua existem mais como fluxo do que como uma situação permanente (Craidy, 1996). Esta constatação está de acordo com o resultado de outras pesquisas realizadas com o mesmo público em outras cidades do Brasil e da América Latina (Rizzini; Lusk, 1995).

Ainda que os dados coletados em Olinda apresentem tendência semelhante à observada em outras localidades, o percentual de meninos (as) que dorme nas ruas ou em ambientes improvisados e que não possuem vínculos familiares parece superior ao constatado em outras pesquisas¹⁴.

¹⁴ É difícil afirmar com certeza, pois variadas metodologias foram utilizadas para a contagem de meninos e meninas em situação de rua.

4. ESCOLARIDADE

A importância da educação para o desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens é uma questão que não encontra discordância nos meios sociais, econômicos e políticos. O atual estágio de desenvolvimento, até mesmo denominado por alguns como “a era da informação”¹⁵, propugna a necessidade de múltiplas habilidades e competências, as quais mudam em velocidade assustadora. A educação, nesse caminho, deve se adaptar aos novos tempos e fornecer ao indivíduo ferramentas para competir no “mundo globalizado”¹⁶.

Diante disso, cresce a atenção às questões educacionais¹⁷ e no Brasil não é diferente. Muitos pesquisadores são unânimes em afirmar a melhoria do acesso à escola no país na última década, embora também reconheçam a necessidade de se avançar na oferta de melhores instalações, ensino com mais qualidade, melhor qualificação e remuneração aos professores, entre outras.

Sem desmerecer esses avanços, é importante analisar com atenção determinados grupos da população. É razoável imaginar que os meninos (as) em situação de rua, pela especificidade do modo de vida que compartilham, apresentem indicadores educacionais inferiores àqueles exibidos pelos jovens em geral da mesma faixa etária. Nas tabelas seguintes serão feitas algumas comparações entre indicadores educacionais dos meninos em situação de rua obtidos na pesquisa em questão, e dados do Censo de 2000 para o mesmo grupo etário residente em Olinda. É necessário, no entanto, se fazer à ressalva de que a análise realizada neste item não incorpora as mudanças legais promovidas a partir da regulamentação do Fundo de Manutenção e

¹⁵ Ver Castells (1999).

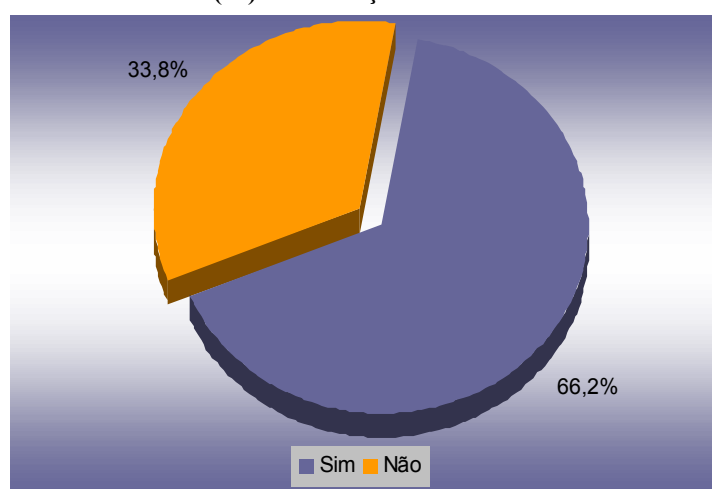
¹⁶ Tal discurso, contudo, não pode ser assimilado sem perspectiva crítica. Quais seriam essas habilidades? E as competências? Elas serão efetivamente utilizadas? Elas abrem necessariamente caminho no mercado de trabalho?

¹⁷ A título de exemplo, Madeira; Rodrigues (1998) citam o slogan do Partido Trabalhista britânico nas eleições de maio de 1997: “Educação, educação e educação”. Semelhante mote foi utilizado por um candidato nas eleições presidenciais brasileiras de 2006.

Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb), pois sua implementação encontra-se em fase inicial¹⁸.

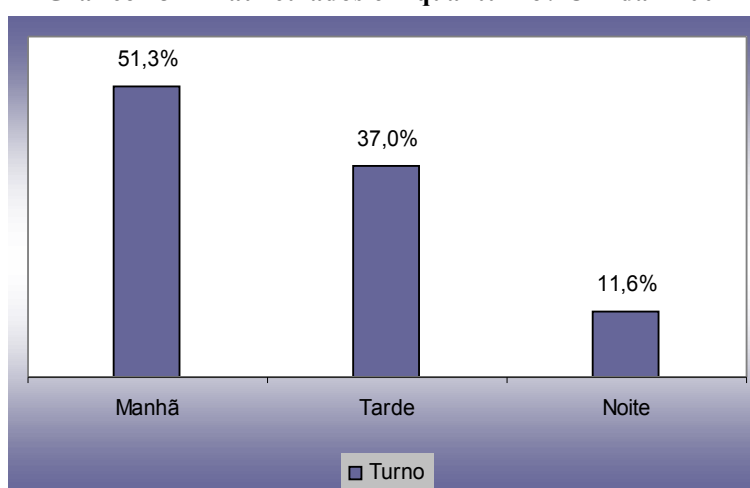
O gráfico 12 mostra o percentual de meninos (as) em situação de rua que informaram estar matriculados na escola. Dos 299 meninos que responderam à indagação sobre matrícula, 198 (66,2%) indicaram resposta positiva e 101 (33,8%) informaram não ter vínculo formal com nenhuma instituição de ensino. A maioria está matriculada no turno da manhã (51,3%), 37% no turno da tarde e 11,6% no período noturno (gráfico 13).

Gráfico 12 - Percentual de meninos (as) em situação de rua matriculados na escola, Olinda - 2007



Fonte: Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

Gráfico 13 – Matriculados em qual turno? Olinda - 2007



Fonte: Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

¹⁸ O Fundeb foi criado pela Emenda Constitucional n.º 53/06, aprovada em 06/12/2006, regulamentado pela Medida Provisória n.º 339/06 (TCE-PE, 2007), posteriormente convertida na Lei n.º 11.494/2007.

O percentual de meninos (as) em situação de rua em Olinda que não estão matriculados em alguma escola é superior ao observado para o conjunto dos jovens olindenses. O gráfico 14 mostra o percentual de crianças, adolescentes e jovens matriculados e não matriculados na escola, considerando os dados do Censo de 2000 e da pesquisa direta com os meninos (as) de rua, distribuídos por idade escolar. Levando em conta a faixa etária¹⁹ de 0 a 6 anos, 45% das crianças em Olinda estavam matriculadas em creches ou escolas de educação infantil; entre os meninos (as) em situação de rua, esse percentual se reduz para 33,3%²⁰.

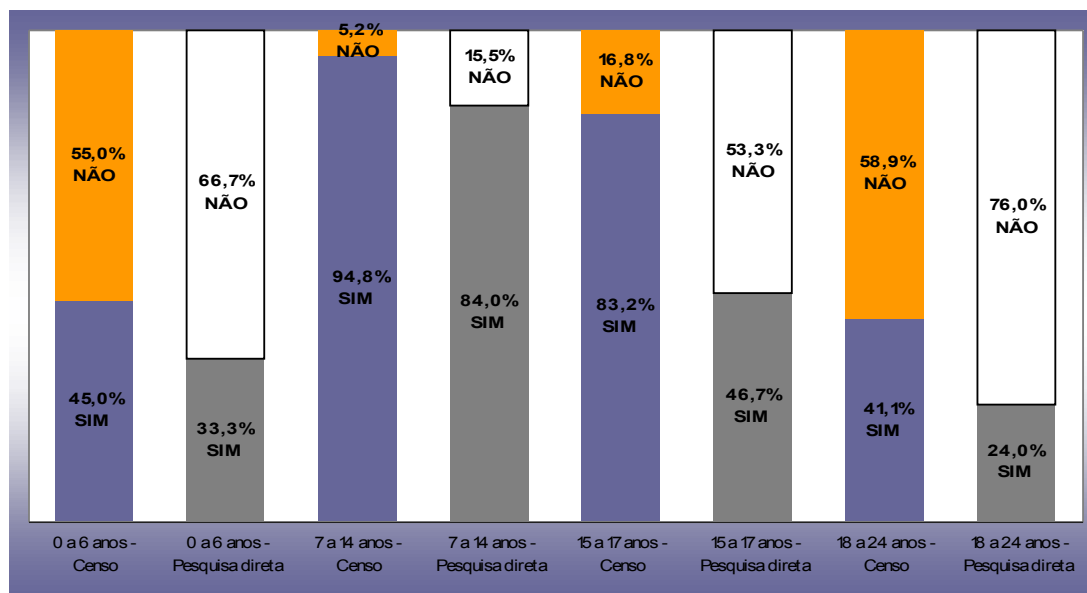
O Censo de 2000 mostrava que 94,8% da população olindense entre 7 e 14 anos de idade em Olinda estavam matriculadas. Nessa faixa etária é esperado que o adolescente esteja freqüentando o ensino fundamental, que se encontra praticamente universalizado (IBGE, 2007) no Brasil, sendo também obrigatório desde 1996²¹. Entretanto, observando os dados dos meninos (as) em situação de rua nota-se que este percentual cai para 84%. O gráfico 14 mostra, ainda, que conforme cresce a idade, cresce também o percentual de jovens não matriculados em instituições educacionais.

¹⁹ Essas faixas etárias foram definidas com base na legislação anterior à criação do Fundeb. As crianças de 6 anos, por exemplo, foram incorporadas ao ensino fundamental – o qual foi ampliado em um ano (de 8 para 9 anos).

²⁰ Ressalta-se, no entanto, que foram encontrados apenas 3 crianças com 6 anos ou menos na pesquisa direta realizada em Olinda. No que diz respeito ao total de crianças olindenses matriculadas no ensino infantil, cabe comentar que o acesso a esse serviço depende do rendimento familiar (IBGE, 2007), uma vez que ainda não é oferecida pelo poder público a quantidade de vagas adequada à demanda – dificuldade que a criação do Fundeb visa sanar.

²¹ Sendo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB).

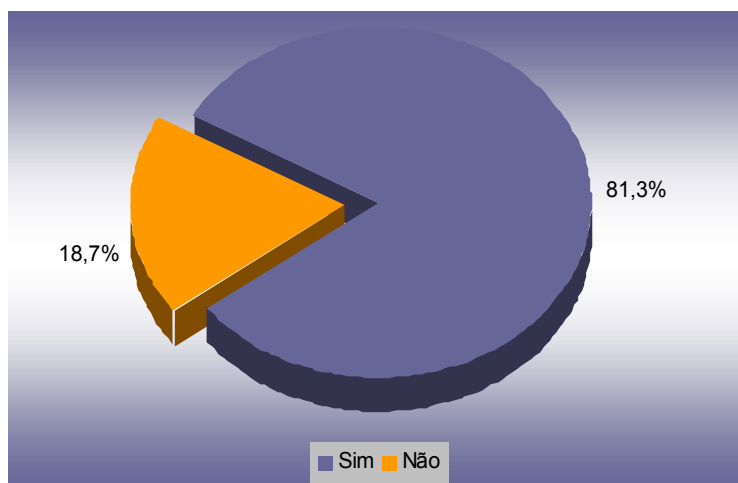
Gráfico 14 – Crianças, adolescentes e jovens em idade escolar distribuídos por matrícula escolar, Olinda – 2000/2007



Fonte: IBGE – Censo Demográfico de 2000; Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

O gráfico 15 traz o percentual de meninos em situação de rua matriculados que informaram freqüentar efetivamente os bancos escolares. Entre os que estão matriculados (198), 81,3% costumam ir às aulas e 18,7% não freqüentam.

Gráfico 15 - Percentual de meninos (as) em situação de rua freqüentando a escola, Olinda - 2007



Fonte: Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

Levando em conta os meninos em situação de rua não matriculados e os que não freqüentam a escola (embora estejam matriculados) chega-se ao percentual de

46,3%, isto é, quase metade dos meninos pesquisados está longe das escolas. Qual o motivo de não frequentarem as aulas? Qual a explicação para a dificuldade de se manter crianças, adolescentes e jovens na escola? As respostas a essas indagações são inúmeras. A literatura especializada arrola, pelo menos, três elementos: o chamado “capital cultural”²² familiar; a necessidade de conciliar trabalho e escola (ou necessidade de assumir – parcial ou integralmente - responsabilidade por seu sustento) e deficiências do sistema educacional²³. É provável que este conjunto de fatores, interligados, ajudem a explicar esse intrincado quebra-cabeças²⁴.

Na pesquisa de Olinda, há muitas referências à perda de documentos, ao ambiente violento das escolas (brigas em que tenham se envolvido), à necessidade de trabalhar para ajudar a família, a preferência ao consumo de drogas, à falta de recursos (para uniforme, material, transporte) ou o desinteresse simplesmente. A maioria das dificuldades expostas, no entanto, depende da situação econômica dos meninos e suas famílias: a necessidade de trabalhar, a falta de dinheiro para ir à escola, a falta de vagas, a perda/inexistência de documentos pessoais²⁵.

Merece atenção a condição educacional dos jovens. A primeira observação a ser feita está relacionada ao percentual daqueles de 15 até 24 anos que não completaram o ensino médio e estão matriculados na escola. Os dados apresentados na tabela 11 mostram que a proporção de jovens matriculados²⁶ na escola é semelhante entre os dois grupos analisados - 64% e 63,6%. Isto é, considerando os dados do Censo para o conjunto de jovens olindenses e a pesquisa FUNDAJ/CCLF/PMO com os meninos em situação de rua, não foram observadas diferenças no tocante à matrícula escolar (tabela 11).

²² “Refere-se ao conjunto de estratégias, valores e disposições promovidas principalmente pela família, pela escola e pelos demais agentes da educação, que predispõe os indivíduos a uma atitude dócil de reconhecimento ante as práticas educativas” (Setton, 2005).

²³ Esse debate encerra muitos elementos, não sendo objetivo desse relatório discuti-los. Para mais informações consultar Madeira (1993).

²⁴ Registra-se a existência de um conjunto de trabalhos que buscam explicar tal fato. Alguns deles tendem a chamar a atenção para um ou outro fator. Mas o certo é que, isoladamente, nenhum deles consegue dar conta da complexidade da questão.

²⁵ É interessante notar que muitos dos problemas mencionados somente se tornam “problemas” e impedem a frequência à escola dos jovens pobres e dependentes da escola pública. Não se tem conhecimento de estudos que apontem as brigas com colegas, professores, diretores como razões que impeçam os jovens de classe média de frequentarem a escola.

²⁶ Segundo o manual do recenseador do Censo de 2000 (pág. 68), considera-se frequentando a escola a pessoa matriculada em cursos regulares.

Tabela 11 – Jovens matriculados na escola regular em 2000 e jovens em situação de rua matriculados na escola regular em 2007, Olinda

	Sim (%)	Não (%)
Olinda (Censo Demográfico de 2000)	64,0	36,0
Meninos em situação de rua (pesquisa FUNDAJ/CCLF/PMO)	63,6	36,4

Fonte: IBGE – Censo Demográfico de 2000; Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

Ter se matriculado não implica necessariamente freqüência às aulas. No caso do público juvenil com vivência de rua, os dados da pesquisa em Olinda instigam reflexões: 52,5% deles não freqüentam a escola. De fato, do total matriculado pouco mais da metade não comparece às aulas regularmente. Podem ser imaginadas as dificuldades de inserção desses jovens em um mercado de trabalho cada vez mais competitivo.

Para finalizar a análise sobre a escolaridade dos jovens, a tabela 12 mostra o percentual de jovens, considerando a faixa de 15 a 24 anos, que possuem mais de 8 anos de estudo. Em Olinda, segundo o Censo de 2000, 41,2% dos jovens entre 15 e 24 anos declararam ter estudado mais de 8 anos, enquanto o mesmo percentual para os meninos em situação de rua é de 0,3% (representando apenas 1 entrevistado). A diferença também é grande quando são comparados os anos médios de estudo dos dois grupos: em média os jovens olindenses estudaram 7,6 anos, enquanto os jovens em situação de rua estudaram apenas 2,7 anos (tabela 12).

Tabela 12 – Jovens com mais de 8 anos de estudo e anos médios de estudo, Olinda – 2000 e 2007

	Mais de 8 anos (%)	Anos médios
Olinda (Censo Demográfico de 2000)	41,2	7,6
Meninos em situação de rua (pesquisa FUNDAJ/CCLF/PMO)	0,3	2,7

Fonte: IBGE – Censo Demográfico de 2000; Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

5. PARTICIPAÇÃO EM PROGRAMAS

Em Olinda, da mesma forma que em outros municípios brasileiros, são executados programas sociais direcionados a crianças, adolescentes e jovens oriundos de famílias pobres, as quais dependem fortemente da atuação do Estado e das demais instituições de assistência social. O quadro 2 relaciona e apresenta uma descrição sumária dos programas que são executados no município.

Quadro 2 – Programas sociais em execução, destinados à crianças e ao adolescente, no município de Olinda, 2007

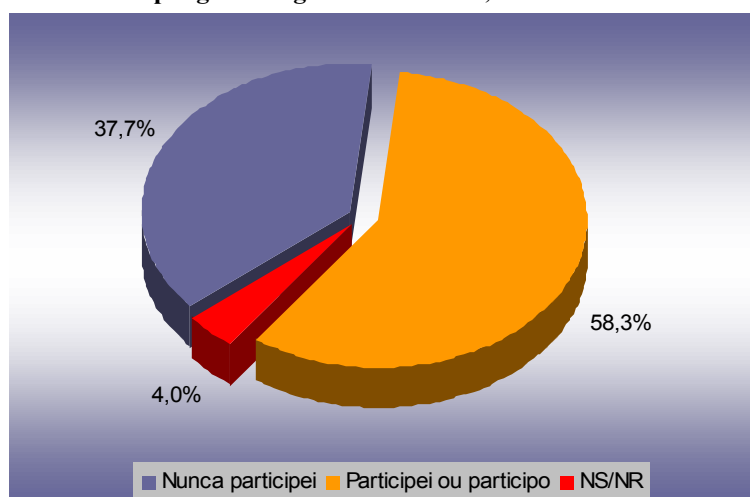
Programa/Ação	Descrição
Bolsa Família	Transferência direta de renda, com contrapartidas. Beneficia família em situação de pobreza extrema.
PETI	Beneficia crianças e adolescentes em situação de trabalho mediante concessão de bolsas e do desenvolvimento de ações sócio-educativas.
Agente Jovem do Desenvolvimento Social e Humano	Beneficia jovens de 15 a 17 anos, mediante concessão de bolsas, visando o seu desenvolvimento pessoal, social e comunitário. O jovem recebe capacitação técnica e prática que possibilita sua permanência no sistema de ensino e o prepara para o mercado de trabalho.
Liberdade Assistida	Medida sócio-educativa que garante ao menor infrator o cumprimento de medida judicial em liberdade, mediante acompanhamento de um orientador designado por autoridade competente.
Sentinela	Conjunto de ações de enfrentamento à violência sexual. Oferece atendimento integral às crianças vítimas de abuso e exploração sexual.
Casa de Passagem Olinda Alerta	Visa garantir a proteção integral de crianças e adolescentes de 0 a 17 anos que passam por situação de desproteção grave e que necessitam afastamento breve (até 20 dias) de seus familiares.
Casa de Acolhimento	Visa garantir a proteção integral de crianças e adolescentes de 0 a 17 anos que passam por situação de desproteção grave e que necessitam afastamento temporário de seus familiares.
CRIA	Oferece um conjunto de ações sociais especializadas dirigidas a crianças e adolescentes (de 07 a 14 anos para atendimento e de 15 a 18 anos para encaminhamento) em situação de rua e suas famílias, buscando o fortalecimento de seus vínculos familiares e comunitários.
Escola Aberta	Visa proporcionar aos alunos da educação básica das escolas públicas e as suas comunidades espaços alternativos, nos finais de semana, para o desenvolvimento de atividades de cultura, esporte, lazer, geração de renda, formação para a cidadania e ações educativas complementares. Foi criado a partir de um acordo de cooperação técnica entre o Ministério da Educação e a Unesco.
Estação Futuro	Oferece educação, lazer e proteção a jovens de 16 a 21 anos com vivência de rua e/ou excluídos pela desestruturação econômica e social de suas famílias.

Fonte: Prefeitura Municipal de Olinda; Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; Ministério da Educação.

Apesar do conhecimento prévio segundo o qual as crianças e adolescentes residentes em Olinda, vulneráveis economicamente, contam com um leque de

programas das diversas esferas governamentais, elevado número, considerando o grupo analisado, de entrevistados não havia participado de nenhum desses programas (e nem de outros). Dos 300 meninos e meninas pesquisados, 113 (37,7%) informaram nunca ter participado de programas governamentais de atendimento, 58,3% informaram ter participado ou participar e 4% não responderam (gráfico 16).

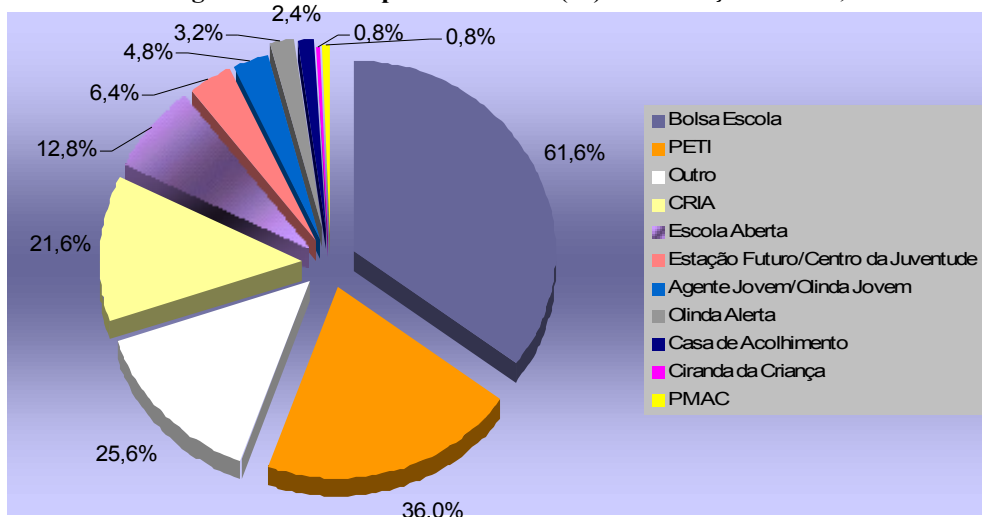
Gráfico 16 – Participação dos meninos (as) em situação de rua em programas governamentais, Olinda - 2007



Fonte: Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

Para os que informaram participar ou terem participado de algum programa governamental, o Bolsa Família (ou os demais programas que foram unificados no Bolsa Família) foi o programa mais frequentemente indicado pelos meninos (as) em situação de rua (77 indicações, ou 61,6%). Na seqüência, o PETI foi citado em 36% das indicações. O CRIA apareceu em 25,6% das referências. O Escola Aberta foi mencionado em 21,6% das citações. A Estação Futuro mereceu 6,4% das citações (ver gráfico 17).

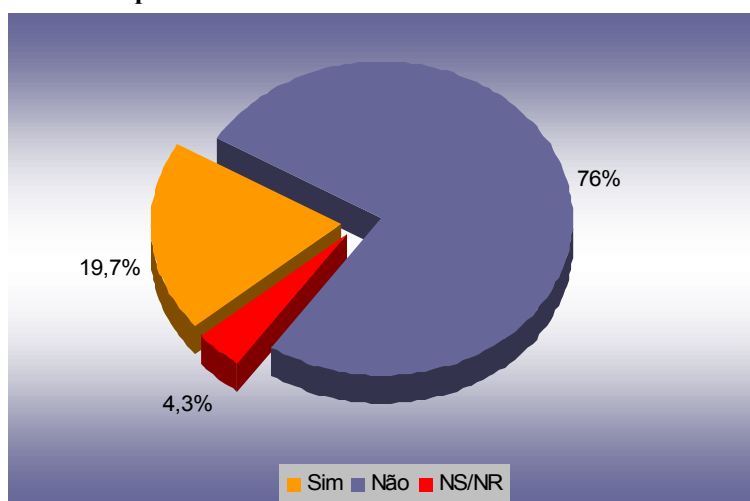
Gráfico 17 – Programas citados pelos meninos (as) em situação de rua, Olinda - 2007



Fonte: Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

Em relação ao envolvimento dos pesquisados em atividades recreativas ou educacionais promovidas por instituições não governamentais, a pesquisa levantou que a grande maioria, 76% (ou 228), dos entrevistados afirmou não participar de iniciativas dessa natureza (gráfico 18). Entre os que informaram a participação, o futebol foi a mais indicada pelos meninos (as) em situação de rua (11 citações). Além do futebol, merecem referência a capoeira, as atividades culturais envolvendo música e dança (como percussão e o maracatu) e as atividades profissionalizantes (como a produção de vassouras e o crochê).

Gráfico 18 – Participa de atividades recreativas e/ou educacionais? Olinda - 2007

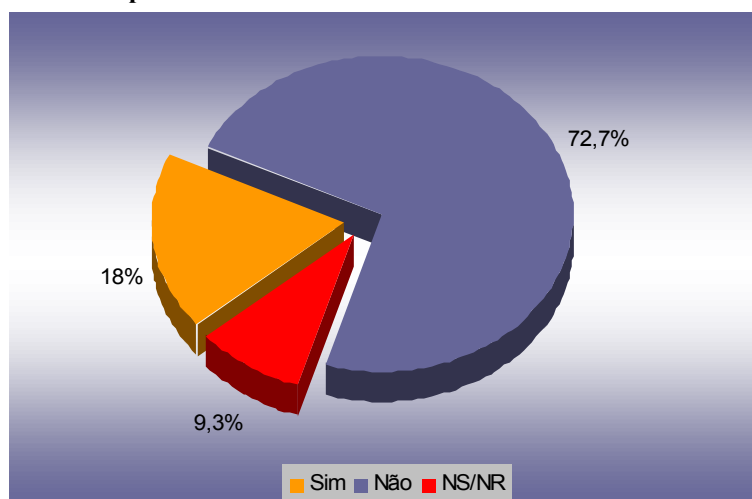


Fonte: Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

Entre as instituições que promovem tais atividades, destacam-se as religiosas, especialmente as evangélicas (com variadas denominações). Assim, além do compromisso na evangelização das crianças e jovens, muitas igrejas promovem outros tipos de ações, tais como: recreação, musicalização, profissionalização etc. Algumas organizações não-governamentais (ONG's) e educadores sociais foram mencionados pelos entrevistados como promotores de atividades recreativas.

Da mesma forma, a maior parte dos entrevistados informou não ter participado de atividades recreativas/educacionais (72,7%), enquanto 18% indicaram já ter tomado parte em alguma atividade (gráfico 19). Entre as atividades mencionadas destacam-se: a capoeira, outros esportes, cursos de profissionalização, passeios, musicalização.

Gráfico 19 – Participou de atividades recreativas e/ou educacionais? Olinda - 2007



Fonte: Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

As instituições religiosas novamente destacam-se como fomentadoras das atividades; ao lado de algumas ONG's (como Axé de Kilú, Sobe e Desce/Capim de Cheiro, Comunidade dos Pequenos Profetas). O Espaço Criança Esperança também foi mencionado. Muitos meninos (as) que participaram de atividades recreativas e educacionais não souberam informar a instituição que as ofereceu.

6. VIDA NAS RUAS

No questionário havia questões que tinham por intuito explorar características da vivência dos meninos e meninas encontrados nas ruas de Olinda. Foram solicitadas informações a respeito do tempo de vivência e motivações que os levaram para a rua, bem como das atividades realizadas nos espaços públicos. Investigou-se também a forma como os meninos se alimentavam enquanto permaneciam nas ruas.

Neste item tratou-se, ainda, de obter elementos relativos à percepção dos meninos e meninas acerca do contato com o ambiente das ruas e as expectativas quanto ao futuro.

A tabela 13 apresenta o percentual de tempo de vivência na rua dos entrevistados. Percebe-se que a maioria dos meninos (as) informou estar nas ruas há menos de 3 anos – 70% contemplando-se apenas aqueles que responderam à indagação. Esse tempo está evidentemente relacionado com o perfil etário dos investigados, grande parte deles adolescentes, fase na qual mais comumente se dá o ingresso ao universo das ruas.

Tabela 13 – Tempo de vivência na rua, Olinda - 2007

Tempo	N.º	%	% Válido (*)
Menos de 3 meses	45	15,0	19,5
De 3 meses até 6 meses	15	5,0	6,5
Mais de 6 meses a 1 ano	27	9,0	11,7
Mais de 1 ano até 3 anos	75	25,0	32,5
Mais de 3 anos até 5 anos	28	9,3	12,1
Mais de 5 anos até 10 anos	28	9,3	12,1
Mais de 10 anos	13	4,3	5,6
NS/NR	69	23,0	100,0
Total	300	100,0	

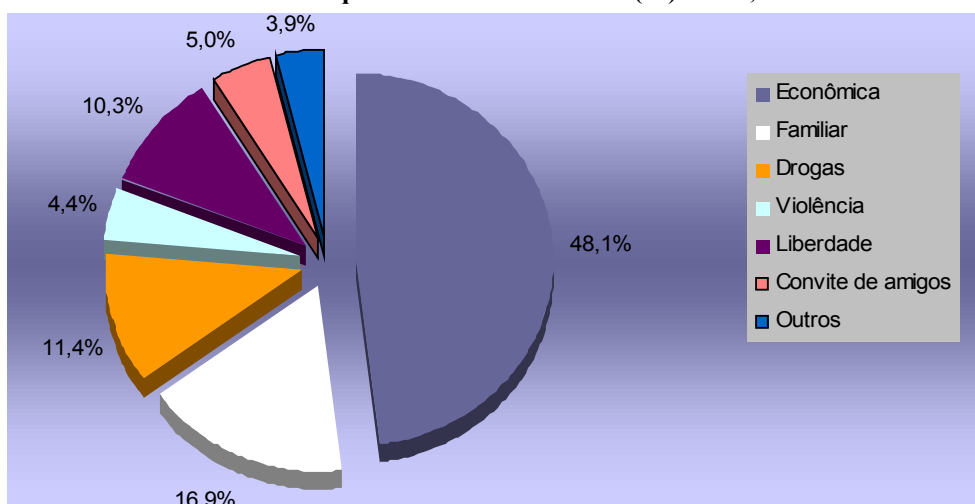
Fonte: Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

(*) Retirando os entrevistados que não responderam à pergunta.

A ida para as ruas depende de uma série de fatores, os quais afetam de forma diferenciada as crianças, adolescentes e jovens. Um determinado motivo pode incutir em algumas crianças o desejo de ir para as ruas e em outras pode não ter influência alguma. De acordo com Lucchini (2003), há uma “seleção” entre as crianças que resolvem ir para as ruas e aquelas que ficam em suas casas, mesmo que ambas vivenciem experiências semelhantes.

Na pesquisa em Olinda, indagou-se sobre as razões que levaram os entrevistados a buscarem as ruas. Procurava-se uma indicação sobre a escala das razões, o gráfico 20 traz as respostas agregadas em 7 categorias. Quase metade das respostas (48,1%) apontou alguma motivação de ordem econômica (trabalhar, arranjar comida, pedir) como razão para buscar as ruas. Em seguida, aparecem motivos que envolvem familiares, com 16,9%, tais como: imposição da família, acompanhar parentes, abandono ou morte dos responsáveis. O consumo de drogas (da família ou do próprio entrevistado) foi mencionado em 11,4% das respostas. Cerca de 10% das respostas indicaram a busca de liberdade, de aventura e lazer. O convite e/ou influência de amigos foram relacionados em 5% das alegações.

Gráfico 20 – Motivos que levaram os meninos (as) à rua, Olinda - 2007



Fonte: Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

Obs: foram retirados os entrevistados não responderam a pergunta.

A pesquisa tem por propósito conhecer a forma como os meninos (as) preenchem seu tempo quando ocupam o ambiente das ruas. Tinha-se ciência que, para os meninos e meninas em situação de rua, a separação entre os espaços público e privado não é evidente, também não são delimitados momentos específicos reservados

para o descanso/lazer ou para o trabalho, podendo ambas atividades serem realizadas em simultâneo ou de forma alternada (Gehlen, 2004). Neste sentido, buscou-se, por meio da observação, anotar o que os entrevistados faziam no momento anterior ao da abordagem realizada pelos pesquisadores de campo. O intuito era o de buscar uma aproximação a respeito da atividade mais frequentemente realizada nas ruas. Assim, testemunhou-se que 37% dos meninos (as) estavam trabalhando no momento da pesquisa, alguns perambulavam pelas ruas (15,3%), outros pediam dinheiro aos transeuntes (14,7%), 13% brincavam ou divertiam-se. Do mesmo modo, foram encontrados 10% dos meninos (as) usando drogas, 3% sujeitos à exploração sexual, 3,3% dormiam em logradouros públicos e 3,7% realizavam outras atividades (tabela 14).

Tabela 14 – Atividade realizada na rua, Olinda - 2007

Atividade	%
Trabalhando	37,0
Perambulando	15,3
Pedindo	14,7
Brincando/divertindo-se	13,0
Usando drogas	10,0
Exploração sexual	3,0
Dormindo	3,3
Outros	3,7

Fonte: Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

Solicitou-se aos entrevistados que informassem como faziam as refeições quando se encontravam nas ruas. Quase metade dos entrevistados informou pedir em casas, bares, restaurantes ou aos transeuntes. Cerca de 27% dos entrevistados relataram comprar os alimentos que são consumidos enquanto permanecem em vias públicas (tabela 15). Menos de 1% deles mencionou que se alimentava em escolas/instituições ou com restos de comida catados no lixo, enquanto mais de 15% dos meninos (as) indicaram outras formas de alimentação, entre as quais se destacam a alimentação realizada na própria residência, e providências tomadas por membros da família.

Tabela 15 – Como os meninos (as) em situação de rua se alimentam quando estão nas ruas, Olinda - 2007

	Nº.	%	% Válido (*)
Pede nas casas/bares/restaurantes	124	41,3	42,0
Compra	80	26,7	27,1
Outros	49	16,3	16,6
Leva de casa	20	6,7	6,8
Pede aos transeuntes	19	6,3	6,4
Cata no lixo	2	0,7	0,7
Alimentam-se em escolas/instituições	1	0,3	0,3
Não sabe/ Não respondeu	5	1,7	-
Total	300	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

(*) Retirando os entrevistados não responderam a pergunta.

Até este momento as análises realizadas foram baseadas em questões objetivas/práticas sobre o cotidiano da vivência de rua. Todavia, interessava igualmente dar voz aos meninos, buscar captar a percepção deles diante da realidade vivenciada no dia-a-dia. Adverte-se, porém, que existe, por parte dos entrevistados, grande dificuldade em verbalizar sentimentos, em expressá-los de maneira clara. Em muitos casos, a brevidade e objetividade das respostas não permitem a compreensão do discurso dos meninos e meninas. Muitas vezes a resposta dada não satisfaz inteiramente a expectativa contida nas perguntas formuladas pelo pesquisador²⁷. As respostas evasivas podem indicar, ainda, certa resistência do lado dos meninos (as) ao trabalho de pesquisa realizado.

Neste sentido, os parágrafos seguintes devem ser compreendidos dentro dos limites do trabalho de campo executado²⁸. Procurou-se organizar as respostas, na medida do possível, por temas comuns a elas.

São muitas as atrações encontradas nas ruas e que são apontadas pelos meninos como aspectos positivos. Para 46,3% dos entrevistados, a rua é um ambiente associado ao ato de brincar, jogar, de se divertir, de convívio social. Enquanto que para 29% deles é a possibilidade de auferir rendimentos. Uma parcela menor de entrevistados

²⁷ Conforme apontado por Machado (2003).

²⁸ O objetivo principal da pesquisa era o de realizar a contagem e traçar o perfil dos meninos (as) em situação de rua.

mencionou outros atrativos na rua, como a possibilidade de usar drogas (4%), de namorar/fazer sexo (2,7%). Para 2,7% dos pesquisados a rua não oferece nenhum atrativo (tabela 16). A maioria (75,3%), portanto, indica que o que mais gosta na rua é de obter renda ou realizar atividades de lazer.

Tabela 16 – O que mais gosta na rua, Olinda - 2007

O que mais gosta	%
Lazer	46,3
Obter renda	29,0
Liberdade	4,7
Usar drogas	4,0
Outras	6,3
Nada	2,7
Namorar/sexo	2,7
Não sabe	4,3
Total	100,0

Fonte: Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

Além de inquirir sobre os atrativos, pediu-se que os meninos apontassem o que eles menos gostavam na rua. Percentual significativo não soube ou não quis responder ao questionamento (30 meninos). Entre os aspectos negativos da rua, a violência e os maus tratos foram mencionados por 44% dos entrevistados (tabela 17). Há referências à violência policial, às brigas entre os próprios meninos (as), às cenas de violência em geral (troteios, assassinatos) e humilhações:

“Não gosto de apanhar da polícia”.

“Não gosto da violência dos outros meninos e da polícia”.

“Das brigas e das mortes que ocorrem na orla do Bompreço”.

“Quando tem tiro na rua do Condor, fico triste, não gosto”.

“Dos bairros vizinhos, por ocorrer o ‘paredão’, matam os meninos que cheiram”.

“Tem gente que toca fogo nas pessoas”.

“Ninguém me abusar por causa da aparência”.

A menção a roubos, praticados ou sofridos por eles, foi feita por 9,3% dos entrevistados. No caso dos roubos perpetrados pelos meninos, observou-se, através do

discurso proferido por eles, desconforto com a situação experimentada, conforme pode ser notado em suas falas:

“Não gosto de pegar as coisas das pessoas, roubar”.

“Não gosto de roubar e da violência, pois já roubei”.

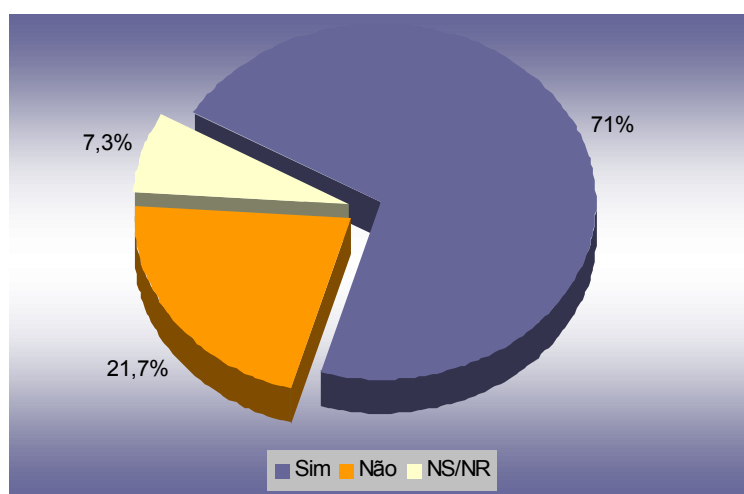
“Não gosto de roubar, já roubei. Mas não quero fazer isso nunca mais.”

“Não gosto de roubar no mercadinho”.

Alguns meninos (7%) relataram, no mesmo item, dificuldades enfrentadas no trabalho realizado nas ruas, como: não conseguir vender os produtos ofertados, carregar peso, não encontrar material reciclável nas ruas.

Entre os meninos e meninas entrevistados, 71% almejam sair das ruas. Pouco menos de 22% responderam que não pretendem deixar as ruas. Outros (7,3%) não souberam ou não desejaram responder (gráfico 21).

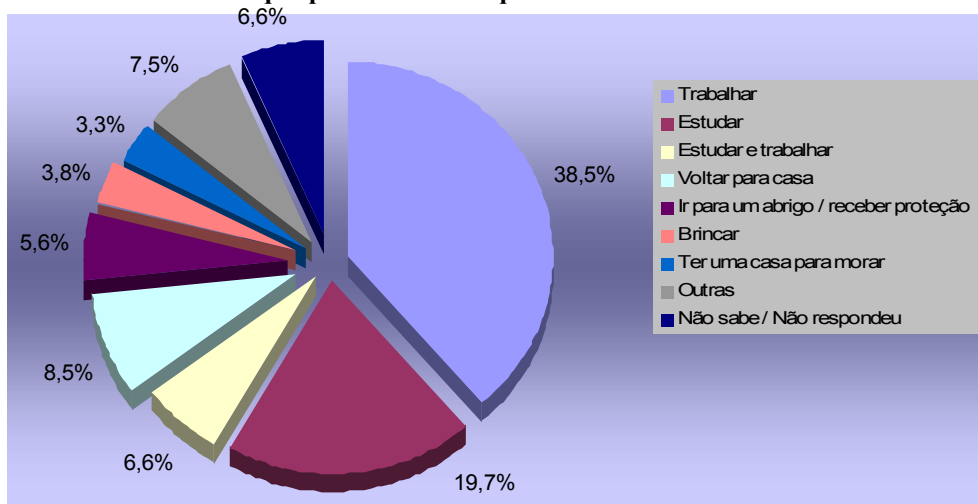
Gráfico 21 – Pensa em sair das ruas? Olinda - 2007



Fonte: Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

Para os que desejam deixar as ruas (213 garotos ou garotas), 38,5% esperam encontrar um trabalho ou ter uma profissão, 15% aspiram estudar, 6,6% pretendem estudar e trabalhar. O estudo e o trabalho perfazem 65% das respostas dadas pelos meninos (as). O retorno ao convívio familiar foi mencionado por 8,5% dos entrevistados. Alguns meninos (5,6%) se referiram aos abrigos como alternativa ao espaço das ruas (gráfico 22).

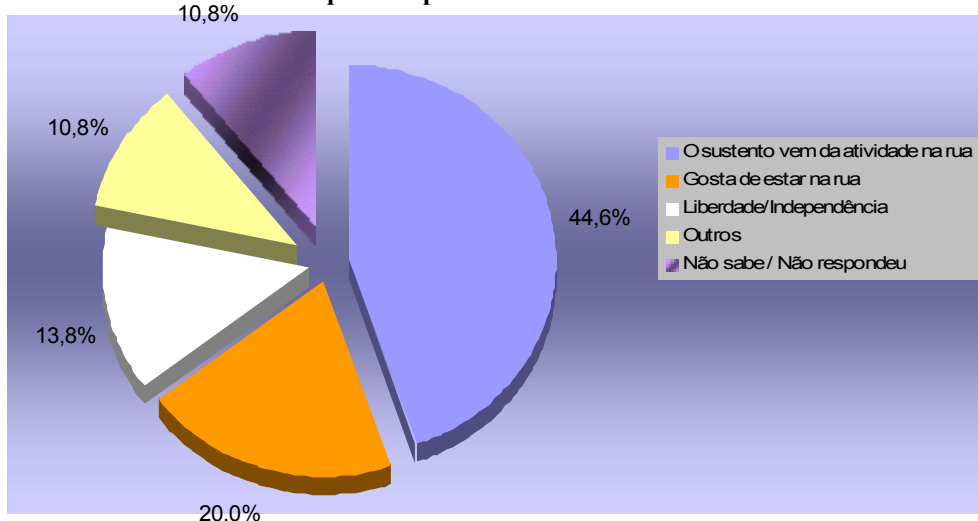
Gráfico 22 – O que pretende fazer quando sair das ruas? Olinda - 2007



Fonte: Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

Entre os meninos que não pensam em sair das ruas (65 garotos ou garotas), 44,6% disseram que dependem da atividade desempenhada nas ruas para prover o próprio sustento ou o sustento da família. Para 20% a rua é um local do qual mencionaram gostar. Cerca de 14% dos meninos (as) citaram a liberdade e a independência como motivos para não deixarem as ruas. A questão não foi respondida por 10,8% dos entrevistados (gráfico 23).

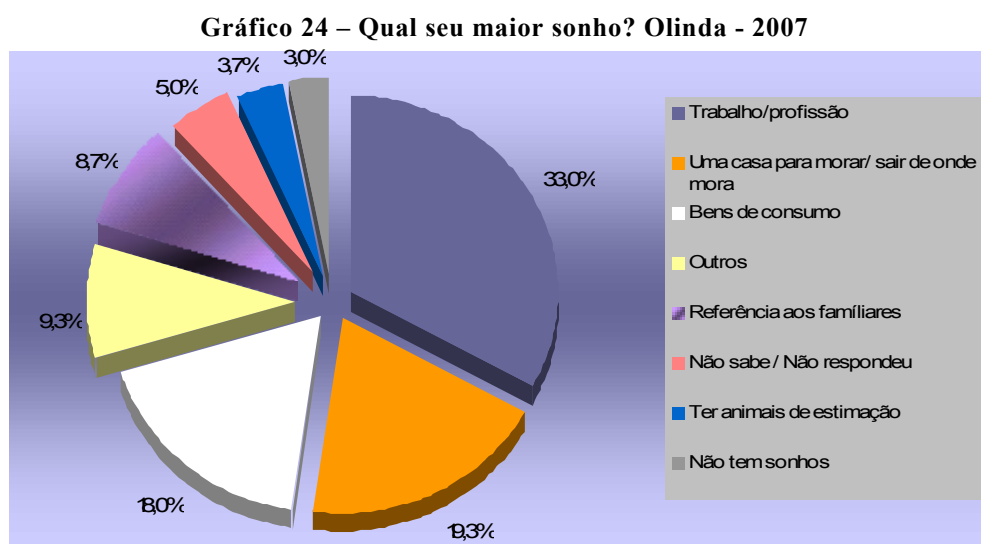
Gráfico 23 – Porque não pensa em sair das ruas? Olinda - 2007



Fonte: Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

Para finalizar o bloco de questões referente à vivência de rua, os meninos (as) foram instados a discorrer livremente sobre seus sonhos e aspirações (gráfico 24). Muitos meninos expuseram o desejo de conseguir um emprego ou ter uma profissão (33%) como seu maior sonho. É interessante constatar que as expectativas em relação ao futuro passam pela vontade de encontrar espaço no mercado de trabalho. O trabalho é, assim, no imaginário desses meninos, uma maneira de mudar de vida, de ascender socialmente. Entre as ocupações/profissões relacionadas por eles, emergem muitas com as quais são habituados a conviver, a saber: conselheiro tutelar, delegado, professor, motorista de ônibus, profissionais da área de saúde. Duas ocupações chamam a atenção pela expressiva frequência de citações: policial e jogador de futebol.

Para 19,3% o maior sonho diz respeito à melhoria das condições de moradia, tais como: comprar uma casa, reformar a casa em que vive, morar em outro local (sair da favela, da rua). O acesso a bens de consumo foi citado como maior sonho por 18% dos entrevistados, dentre os quais cita-se: computador, vídeo game, bicicleta, carro, celular, brinquedos.



Fonte: Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

Alguns meninos, 8,7% dos entrevistados, pensam em viabilizar melhores condições de vida aos familiares, almejam propiciar melhores condições de saúde para os seus e reatar os laços familiares. O maior sonho de 3,7% dos entrevistados foi o de ser proprietário de um animal de estimação. Outras respostas foram dadas por 9,3%

dos entrevistados e 5% preferiu não responder. Para 3% dos meninos (as) não há qualquer expectativa com relação ao futuro.

Cabe destacar que, apesar da severidade da vida a qual estão submetidos, a observação da atividade realizada pelos entrevistados, assim como as respostas sobre os fatores de atração e expectativas em relação ao futuro apontaram a existência de algum grau de preservação do caráter lúdico da vida infantil.

7. CARACTERÍSTICAS DO TRABALHO DOS PAIS

Não é novidade e não pode ser negado²⁹ o papel que as condições econômicas familiares têm sobre a ida das crianças para a rua. Tais condições econômicas dependem da posição que a família ocupa na estrutura social que, para a maior parte da população, é resultado da forma de inserção no mercado de trabalho.

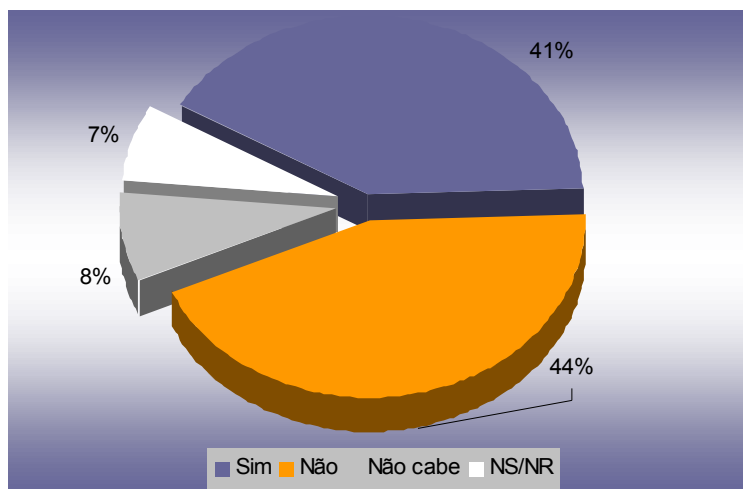
Historicamente o mercado de trabalho brasileiro foi marcado pela exclusão de parcelas expressivas da população, a qual necessitou se submeter à condições precárias de trabalho, mesmo em momentos de intenso crescimento econômico. Tais condições se agravaram na crise dos anos 80 e, especialmente, nos anos 90, quando o desemprego aberto alcançou percentuais alarmantes.

As indicações sobre a inserção produtiva dos Pais dos meninos entrevistados nas ruas de Olinda evidenciam a dificuldade de inserção no mercado de trabalho. Observou-se parcela significativa que não possuía emprego ou ocupação e, entre os que possuíam, destacam-se ocupações marcadas pela precariedade.

O Gráfico 25 mostra que o percentual de mães que trabalham (41%) é similar ao das mães que não trabalham (44%), sendo este último um pouco superior. Alguns meninos (as) não souberam ou não quiseram informar (7%) a condição de atividade das mães. E 8% não conhecem o paradeiro de suas mães ou revelaram que haviam falecido.

²⁹ Embora não possa ser considerada de forma isolada.

Gráfico 25 – Sua Mãe trabalha? Olinda - 2007

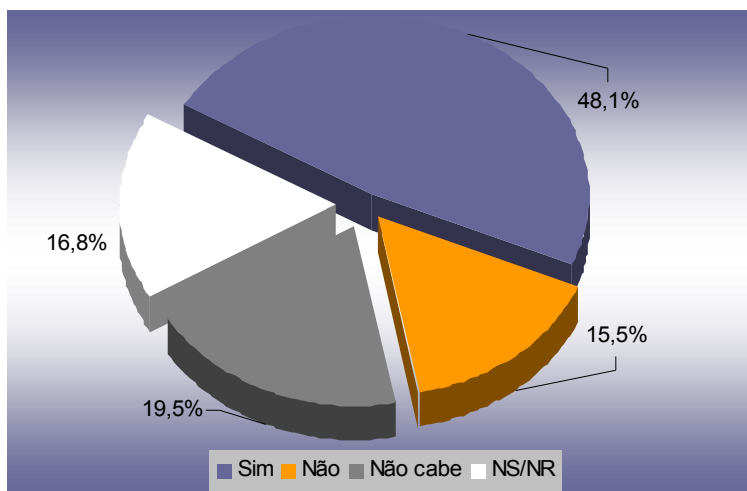


Fonte: Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

Entre as ocupações mais listadas pelos entrevistados, aquelas vinculadas ao setor terciário da economia foram as mais frequentemente citadas. O trabalho/emprego doméstico representa mais da metade (57%) dos postos ocupados pelas mães desses meninos. Na seqüência, 11,4% das mães são catadoras de material reciclável. Observa-se que as ocupações mencionadas são todas marcadas pela precariedade, evidenciada na ausência de vínculos estáveis de emprego e elevada informalidade, de jornadas extensas e rendimentos baixos.

Entre os pais, aqueles que trabalham representam 48,1% e os que não trabalham somam 15,5%. Cerca de 20% dos pais estão ausentes da vida de seus filhos, seja por estarem presos, por terem falecido ou simplesmente desaparecido³⁰. Por volta de 17% dos meninos não responderam a questão sobre o trabalho do pai (gráfico 26).

³⁰ A comparação desse dado com aquele relativo às mães mostra como é bem maior a ausência da figura paterna no convívio familiar dos entrevistados.

Gráfico 26 - Seu Pai trabalha? Olinda - 2007

Fonte: Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

Os pais, da mesma forma que as mães, possuem inserção precária no mercado de trabalho. São trabalhadores da construção civil, vendedores ambulantes, pequenos comerciantes, catadores de material reciclável, entre outros.

8. RISCOS

Conforme mencionado em outras passagens ao longo do texto, os meninos e meninas em situação de rua não podem ser tratados de forma homogênea, pois possuem características que os diferenciam um dos outros. Diferentes situações implicam na necessidade de distintas formas de intervenção. O trabalho de campo, bem como a literatura existente sobre o assunto, indica a existência de graus diferentes de exposição a riscos, os quais são inerentes a vivência nas ruas. Neste sentido, construiu-se uma tipologia de riscos que busca auxiliar os gestores públicos na definição de prioridades para atuação junto ao grupo.

Define-se o conceito de risco pessoal ou social como sendo o *estado*, vivido pelo indivíduo/criança, em que este se encontra *privado, em maior ou menor grau*, dos fatores considerados necessários a um pleno desenvolvimento físico (saúde do corpo), psíquico (equilíbrio emocional) e sociocultural (inserção/reconhecimento/ascensão na sociedade) do indivíduo. Tais fatores relacionam-se, sobretudo, com o amparo afetivo e material fornecido pela família e pela sociedade. Tal amparo se expressa, no plano familiar, no exercício do afeto e no aprendizado ou incorporação dos valores mais básicos ou fundamentais necessários ao convívio social civilizado; e, no plano social ou coletivo, no acesso à educação formal, ao lazer e à cultura, à alimentação adequada, à assistência médico-hospitalar, à segurança etc.

O risco define-se pela ausência de algum destes fatores na formação do indivíduo. De modo a operacionalizar tal conceito, propôs-se uma *tipologia do risco*, que busca classificar em graus distintos a exposição do indivíduo às situações de privação supracitadas.

Para construir esta tipologia são propostos três critérios mais gerais, cada um deles contendo pesos diversos em seu interior, com os quais se pretende captar de modo mais preciso a situação dos meninos que habitualmente se encontram nas ruas de Olinda.

O primeiro critério seria o do “amparo familiar”, em que se busca auferir o grau de proximidade ou de contato cotidiano existente entre a criança de rua e sua família original (família nuclear, consangüíneos ou parentes responsáveis que não os

pais). Assim, a situação em que as crianças possuiriam relação ou contato constante com sua família original (a criança interage afetiva e cotidianamente com sua família, morando regularmente sob o mesmo teto) tem peso 0 (zero). A ausência de tal contato ou proximidade contínua (crianças que perderam o contato ou o vínculo familiar-afetivo com suas respectivas famílias originais, não morando sob o mesmo teto) recebeu peso 1 (um).

O segundo critério busca medir o número de noites/semana que a criança dorme na rua (ou seja, que dorme em outro local que não o seu domicílio familiar original). Nestes termos, a criança que não dorme nenhuma noite por semana na rua (ou seja, que em tese conta diariamente com a proteção de algum domicílio familiar, original ou adotivo, legal ou não) é classificada como peso 0 (zero). A criança que dorme uma ou mais vezes por semana na rua (ou seja, que conta com menor grau de proteção diária de seu domicílio familiar ou adotivo do que no primeiro caso) recebe peso 1 (um). Por fim, a criança que dorme todos os dias na rua (ou seja, que não conta com qualquer guarida em qualquer domicílio familiar, original ou adotivo) terá peso 2 (dois).

Finalmente, o terceiro critério ocupa-se de identificar a situação cotidiana da criança na rua, através da descrição do que faz ou de como vive a criança de rua. Aqui, 4 (quatro) pesos foram utilizados, de acordo com o grau de gravidade da situação da criança na rua. As crianças que desempenham algum tipo de atividade produtiva, configurando a situação de trabalho infantil – sendo, neste caso, coagidas ou não pela família a trabalharem como forma de complementação de renda familiar –, receberam peso 1 (um). Já as crianças em situação de abandono ou que perambulam simplesmente, foram classificadas como peso 2 (dois). Em situação de maior gravidade (relativamente às duas situações anteriores) para a integridade física, psíquica e sociocultural da criança, foram consideradas as crianças como usuárias regulares de entorpecentes e aquelas submetidas à condição de exploração sexual. Em ambos os casos conferiu-se peso 3 (três) à situação vivida pela criança de rua.

As diversas combinações possíveis entre os pesos dos três critérios permitem o estabelecimento de uma escala com 6 (seis) graus de risco. Tal escala abrangeria desde o risco mais baixo (Risco 1) – em que a criança moraria com sua família, não dormiria nenhuma noite por semana na rua mas entraria na condição de trabalhadora infantil – até o mais alto (Risco 3.1) – no qual a criança não teria nenhum contato com

sua família, dormiria diariamente na rua e seria usuária de drogas ou explorada sexualmente. Uma classificação do risco com o objetivo de orientar intervenções ordenadas do setor público, bem como a descrição sumária dos tipos de risco encontra-se no quadro 2.

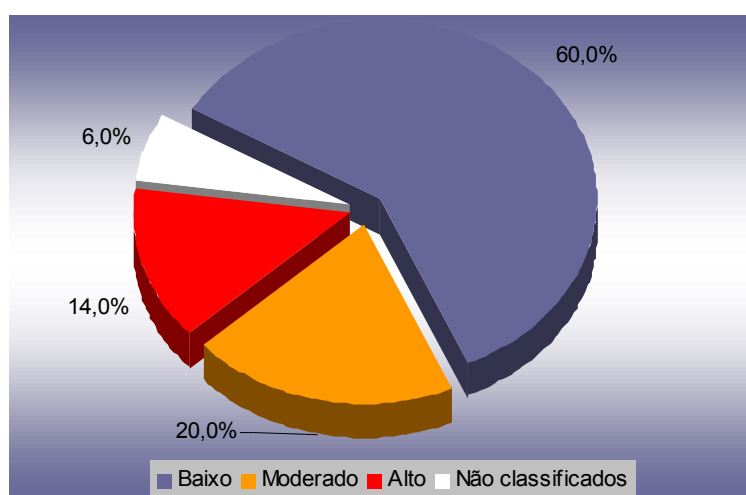
Quadro 3 – Tipologia de riscos

Risco	Combinações critério/peso	Descrição da situação de risco	Classificação do risco (para ajuste da prioridade na política pública)
1	I-0; II-0; III-1	- A criança mora com sua família consanguínea e não dorme na rua, enquadrando-se, contudo, na categoria de trabalhadora infantil.	Baixo 1
1.1	I-0; II-0; III-2	- A criança mora com sua família consanguínea e não dorme na rua, embora perambule em situação de abandono;	Baixo 2
	I-1; II-0; III-1	- A criança não dorme na rua, mas já não mora com sua família original, e desempenha algum tipo de trabalho infantil.	
2	I-0; II-0; III-3	- A criança mora com sua família consanguínea e não dorme na rua, mas é usuária de drogas ou explorada sexualmente;	Moderado 1
	I-1; II-0; III-2	- A criança não dorme na rua, mas já não mora com sua família original, e se encontra em situação de abandono;	
	I-1; II-1; III-1	- A criança não mora com sua família original, já passa uma ou mais noites por semana na rua e desempenha algum tipo de trabalho infantil.	
2.1	I-0; II-1; III-3	- A criança mora com sua família consanguínea, mas dorme uma ou mais noites por semana na rua, e é usuária de drogas ou explorada sexualmente;	Moderado 2
	I-1; II-1; III-2	- A criança não mora com sua família consanguínea, dorme uma ou mais noites por semana na rua e se encontra em situação de abandono;	
	I-1; II-2; III-1	- A criança não mora com sua família, dorme diariamente na rua e exerce algum tipo de trabalho infantil.	
3	I-1; II-2; III-2	- A criança não mora com sua família consanguínea, dorme diariamente na rua e está em situação de abandono;	Alto 1
	I-1; II-1; III-3	- A criança não mora com sua família consanguínea, dorme uma ou mais noites por semana na rua e é usuária de drogas ou explorada sexualmente.	
3.1	I-1; II-2; III-3	- A criança não mora com sua família consanguínea, dorme diariamente na rua e é usuária de drogas ou explorada sexualmente.	Muito Alto

Cada tipo de risco requer uma forma específica de intervenção e todos necessitam de políticas gerais: educação, saúde, transporte, lazer etc. O gráfico 27 mostra os meninos (as) em situação de rua distribuídos por tipo de risco. A maior parte dos entrevistados (60% ou 180 meninos) está sujeita a riscos catalogados na pesquisa como baixos. Nestes casos, a exposição diária ao espaço da rua é parcial (não dormem pelas ruas) e há vínculo familiar, como é o caso dos pequenos trabalhadores. O baixo risco, neste caso, decorre da escala relativa adotada, ou seja, tal risco é menor em relação aos demais. O trabalho de crianças não permitido e nem pode ser tolerado. O ingresso precoce no mercado de trabalho compromete a permanência no sistema escolar e acaba por perpetuar a precária inserção produtiva.

O risco é moderado para 20% (60) dos meninos, os quais têm vivência de rua, possuem contato com os familiares, podem dormir nas ruas algumas vezes na semana e muitas vezes são crianças identificadas com alguma situação de abandono. O risco elevado atinge 14% (42) dos entrevistados, caracterizando um grupo que já não mantém contato com sua família, dorme frequentemente na rua, está em situação de abandono ou é usuária de drogas ou explorada sexualmente. Não foi possível classificar 6% (18) dos meninos (as), os quais deixaram de informar algum dos itens utilizados na construção da tipologia.

Gráfico 27 – Distribuição dos meninos e meninas em situação de rua por tipo de risco, Olinda - 2007



Fonte: Pesquisa direta FUNDAJ/CCLF/PMO.

A exposição aos riscos não é estática, podendo (ou não) os entrevistados transitarem entre os seus diferentes graus. Estar exposto ao risco baixo não implica

alcançar o risco alto. Mas, qualquer exposição implica em prejuízos ao desenvolvimento dos meninos e meninas em situação de rua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relatório apresentou os resultados da pesquisa “Levantamento dos Meninos e Meninas em Situação de Rua na Cidade de Olinda”, a qual tinha por objetivo realizar a contagem e traçar o perfil das crianças e jovens encontradas em situação de risco nas ruas do município de Olinda. Tratou-se de um levantamento pioneiro, o qual fornece importantes informações aos gestores públicos, às organizações que trabalham com a população infanto-juvenil e à sociedade olindense.

Foram contados 300 meninos e meninas que, no momento da investigação, encontravam-se em risco pessoal e social. Mesmo reconhecendo a heterogeneidade do grupo pesquisado, é possível perceber algumas tendências nos dados sobre o perfil dos meninos e meninas em situação de rua no município de Olinda. A maioria é composta por adolescentes com idade média de 13,7 anos, do sexo masculino, pardo ou negro, nascido em municípios da Região Metropolitana do Recife e freqüentando o universo das ruas há menos de três anos. Grande parte dos entrevistados possui residência fixa e mora com familiares, não se configurando uma situação de abandono clássico³¹. Quase metade (46,3%) não freqüenta a escola, muitos nunca participaram de programas governamentais e poucos são atendidos por atividades realizadas por organizações não-governamentais. A pesquisa mostrou que as características do perfil dos meninos e meninas nas ruas de Olinda não diferem substancialmente daquelas observadas em outros municípios brasileiros.

A vida nas ruas é marcada por imensas dificuldades e muitos riscos, mas para muitos meninos entrevistados a rua é também um espaço que viabiliza o convívio social, que permite a vivência de experiências lúdicas. A maioria declarou querer deixar esse ambiente e espera que a educação e o trabalho sejam os mecanismos promotores da mobilidade social almejada.

A pesquisa mostrou que as situações as quais os meninos (as) estão submetidos são variadas, sendo que são diversos também os riscos envolvidos em cada uma delas. Nesse sentido, se faz necessário a organização de intervenções específicas que

³¹ Entendido como aquele em que a criança vive completamente abandonada, sem ter residência fixa e sem possuir vínculos familiares (especialmente no caso de morte dos responsáveis).

respeitem as especificidades do grupo estudado e que devem ser combinadas com políticas mais gerais (educação, saúde, transporte, lazer). Somente desta forma os meninos e meninas nas ruas de Olinda conseguirão remover os obstáculos para construção de um futuro promissor.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei nº. 8.069 de 13 de Julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, 16 de Julho de 1990. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm>>. Acesso em 02/09/2007.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 1996.

BRASIL. Lei nº. 11.129, de 30 de Junho de 2005. Institui o Programa Nacional de Inclusão de Jovens, cria o Conselho Nacional da Juventude – CNJ, a Secretaria Nacional de Juventude e dá outras providências. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 01 de Julho de 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11129.htm>. Acesso em 05/09/2007.

CAMPOS, T. N. et. all. “(Sobre)vivendo nas ruas: habilidades sociais e valores de crianças e adolescentes”. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, volume 13, n.º 3, 2000.

CASTELLS, M. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

CRAIDY, C. M. *O analfabetismo do menino de rua como produção simbólica da exclusão social*. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

IBGE. *Síntese dos indicadores sociais: uma análise das condições de vida*. Rio de Janeiro, IBGE, 2007.

_____. *Manual do Recenseador – Censo 2000*. Rio de Janeiro, IBGE, 1999.

FALEIROS, V. P. “Infância e adolescência: trabalhar, punir, educar, assistir, proteger”. *Revista Agora: políticas públicas e serviço social*. Ano 1, n.º 1, outubro de 2004.

FASC; UFRS. *Perfil e mundo das crianças e adolescentes em situação de rua na Grande Porto Alegre*. Porto Alegre, Fundação de Assistência Social e Cidadania/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul/ Laboratório de Observação Social, 2004.

FIPE/SMADS. *Censo e contagem de crianças e adolescentes na cidade de São Paulo*. São Paulo, Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas/Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social, 2007.

FUNDAJ. *Levantamento de meninos e meninas em situação de rua na cidade do Recife*. Recife, Fundação Joaquim Nabuco/Governo do Estado de Pernambuco/Prefeitura Municipal de Recife/ Delegacia Regional do Trabalho de Pernambuco, 2003.

GIAGUETO, A. “Caminhos para atenção à infância e adolescência no Brasil: as políticas sociais e as legislações”. *Revista Agora: políticas públicas e serviço social*. Ano 2, n.º 4, julho de 2006.

GONÇALVES, Z. A. *Meninos de rua e a marginalidade urbana em Belém*. Belém, Salesianos do Pará, 1979.

GEHLEN, I. (org.) *Perfis e mundo das crianças e adolescentes em situação de rua na Grande Porto Alegre*. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Laboratório de Observação Social, 2004.

HECHT, T. *At home in the street: street children in Northeast Brazil*. Cambridge University Press, 1998.

_____. “Globalization from Way Below Brazilian Streets, a Youth, and World Society”. *Global Comings of Age: Childhood, Youth, and Social Re-generation in a time of Global Flows*, 2004.

JORGE; M. H. P. M; “Como morrem nossos jovens”. In: CNPD. *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília, CNPD, 1998.

KOLLER, S. H.; HUTZ, C. S. “Questões sobre o desenvolvimento de crianças em situação de rua”. *Estudos de Psicologia*. Vol. 2, n.º 1, 1996.

KOLLER, S. H. et. all. “Crianças em situação de rua de Porto Alegre: um estudo descritivo”. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, volume 11, n.º 3, 1998.

LAURENTI, R; JORGE, M. H. P; GOTLIEB, S. L. D. “Perfil epidemiológico da morbi-mortalidade masculina”. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, volume 10, n.º 1, Jan./Mar., 2005.

LESCHER, A. et. all. *Crianças em situação de risco social: limites e necessidades da atuação do profissional de saúde*. São Paulo, FAPESP/PMSP/Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, 2004.

LUCCHINI, R. “A Criança em Situação de Rua: uma realidade complexa”. In: RIZZINI, I. *Vidas nas ruas: crianças e adolescentes nas ruas: trajetórias inevitáveis?* Rio de Janeiro, Ed. PUC-Rio/Loyola, 2003.

MACHADO, R. H. B. *Vozes e silêncios de meninos de rua: o que os meninos de rua pensam sobre as nossas instituições*. São Paulo, Martins Fortes, 2003.

MACIEL, C.; BRITO, S.; CAMINO, L. “Caracterização dos meninos em situação de rua de João Pessoa”. *Psicologia: reflexão e crítica*. Porto Alegre, volume 10, n.º. 10, 1997.

MARTINS, R. A. “Tipologia de crianças e adolescentes em situação de rua baseada na análise de aglomerados (Cluster Analysis)”. *Psicologia: Reflexão & Crítica*. Porto Alegre, volume 15, n.º 2, 2002.

MADEIRA, F. R.; RODRIGUES, E. M. “Recado dos jovens: mais qualificação”. In: CNPD. *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília, CNPD, 1998.

_____ ; “Pobreza, escola e trabalho: convicções virtuosas, conexões viciosas”. *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo, volume 7, n.º 1, jan./mar., 1993.

MEDEIROS, M. *Percepções dos atores sociais que coordenam programas de atenção às crianças e aos adolescentes em situação de rua no município de Ribeirão Preto (SP)*. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1995.

_____. *Olhando a lua pelo mundo da rua: representações sociais da experiência de vida de meninos em situação de rua*. Tese (Doutorado em Enfermagem). Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1998.

MENEZES, D. A. M; BRASIL, K. C. T. “Dimensões psíquicas e sociais das crianças e adolescentes em situação de rua”. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Vol. 11, n.º 2, 1998.

OLIVEIRA, C. F. G. *Se essa rua fosse minha: um estudo sobre a trajetória e vivência dos meninos de rua do Recife*. Recife, Fundação Joaquim Nabuco/UNICEF, 1989.

POCHMANN, M. “Violência e emigração internacional da juventude”. *Ciência e Cultura*, Campinas, volume 52, n.º 1, Jun./Set., 2002.

RIZZINI, I.; BUTLER, U. M; “Crianças e adolescentes que vivem e trabalham nas ruas: revisitando a literatura”. In: RIZZINI, I. *Vidas nas ruas: crianças e adolescentes nas ruas: trajetórias inevitáveis?* Rio de Janeiro, Ed. PUC-Rio/Loyola, 2003.

_____ ; (org.) *Olhares sobre a criança no Brasil: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro, Petrobrás/ESU Ed. Universitária/Amais Livraria e Editora, 1997.

_____ ; RIZZINI, I.; HOLANDA, F. B. *A criança e o adolescente no mundo do trabalho*. Rio de Janeiro, ESU Ed. Universitária/Amais Livraria e Editora, 1996.

_____ ; LUSK, M. W. “Children in the Streets: Latin America’s Lost Generation”. *Children and Youth Services Review*, volume 17, n.º 3, 1995.

_____ ; RIZZINI, I. “Menores institucionalizados e meninos de rua: Os grandes temas de pesquisa na década de 80”. FAUSTO, A. ; CERVIN, R. (Orgs.), *O Trabalho e a Rua: Crianças e Adolescentes no Brasil Urbano dos Anos 80*. São Paulo, Cortez, 1992.

SANTOS, L. “O Estatuto da Criança e do Adolescente e a prática social com jovens autores de atos infracionais”. *Revista Agora: políticas públicas e serviço social*. Ano 2, n.º 4, julho de 2006.

SCHWARTZMAN, S. *Estatísticas e identidades*. Jornal do Brasil, 07/05/1998. Disponível em: <<http://www.schwartzman.org.br/simon/identid.htm>>. Acesso em 01/10/2007.

_____. *Legitimidade, controvérsia e traduções em estatísticas públicas*. 1996. Disponível em: <<http://www.schwartzman.org.br/simon/estpub.htm>> Acesso em 01/10/2007.

SETTON, M. G. J.; “Um novo capital cultural: pré-disposições e disposições à cultura informal nos segmentos de baixa escolaridade”. *Educação & Sociedade*, Campinas, volume 16, n.º 90, jan./abr. de 2005.

SILVA, A. *et. all.* “Crianças em situação de rua de Porto Alegre: um estudo descritivo”. *Psicologia: Reflexão & Crítica*. Porto Alegre, volume 11, n.º 3, 1998.

SILVA, R. C. O. *A porta entreaberta: práticas e representações em torno das relações entre casa e rua junto a crianças de camadas populares*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

SOARES, G. A. D. “Meninos de rua, pivetes da lua”. *Estudos IFB*, n.º 1, 2003.

SOCHACZEWSKI, S. “Alguns equívocos do senso comum sobre o trabalho de crianças”. In: IPEA, *Mercado de Trabalho: conjuntura e análise*. Brasília, IPEA, 1998.

TCE-PE. *Cartilha do Fundeb – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da educação básica e de valorização dos profissionais da educação*. Pernambuco, Tribunal de Contas do Estado de Pernambuco, 2007.

ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO
 DIRETORIA DE PESQUISAS SOCIAIS – DIPES
 COORDENAÇÃO DE PESQUISA DE CAMPO – COPEC
 CENTRO DE CULTURA PROF. LUIZ FREIRE – CCLF
 PREFEITURA MUNICIPAL DE OLINDA (PMO)/ SECRETARIA DE POLÍTICAS SOCIAIS

LEVANTAMENTO DOS MENINOS E MENINAS EM SITUAÇÃO DE RUA NA CIDADE DE OLINDA

N.º. DO ROTEIRO: _____ N.º. DO QUESTIONÁRIO: _____
 PONTO DE LOCALIZAÇÃO: _____
 DATA DA ENTREVISTA: _____ / _____ / 2007 TURNO: M [] T [] N []
 ENTREVISTADOR: _____

1 NOME DO ENTREVISTADO: _____

2 APELIDO: _____

3 IDADE (anos completos): _____ 99 () NS/NR

3.1 CASO A CRIANÇA OU O (A) ADOLESCENTE NÃO SAIBA DIZER OU NÃO RESPONDA A IDADE, ANOTAR A IDADE APARENTE:

1 () Até 12 anos 2 () de 13 a 15 anos 3 () de 16 a 18 anos 4 () de 18 a 24 anos

4 SEXO: 1 () Masculino
 2 () Feminino

5 QUAL A COR DE SUA PELE?

1 () Branca 2 () Preta 3 () Parda 4 () Amarela 9 () NS/NR

5.1 CASO A/O CRIANÇA OU ADOLESCENTE NÃO SAIBA DIZER, ANOTAR PELA APARÊNCIA.

1 () Branca 2 () Preta 3 () Parda 4 () Amarela

6 VOCÊ COSTUMA FREQUENTAR? (RESPOSTAS MÚLTIPLAS)

1 () Igreja Católica 2 () Igreja Evangélica 3 () Centro Espírita 4 () Terreiros de Umbanda/Candomblé
 5 () Não costuma 9 () NS/NR 6 () Outro: _____

LOCAL DE NASCIMENTO:

7 Município: _____ UF: _____ 99 () NS/NR

8 LOCAL DE MORADIA

1 () Residência fixa 2 () Albergue 3 () Abrigo institucional 4 () Edificações abandonadas
 5 () Rua 6 () Pensão/Pousada 7 () Não respondeu 8 () Outro _____

8.1 PARA O CASO DE RESPOSTA “EDIFICAÇÕES ABANDONADAS” ANOTAR A LOCALIZAÇÃO/ PONTO DE REFERÊNCIA DO LOCAL:

9 NO CASO DE TER RESIDÊNCIA FIXA, INFORME O ENDEREÇO.

Endereço: _____

Bairro: _____ Município: _____

Comunidade / Favela: _____

Ponto de Referência: _____

10 VOCÊ MORA COM QUEM?

- 1 () Com o Pai 2 () Avós 3 () Companheiro(a) 4 () Amigos
 5 () Com a Mãe 6 () Com os Filhos 7 () Não Parentes 8 () Sozinho
 9 () Com os Pais 10 () Outros parentes 11 () Padrasto / Madrasta 99 () NS/NR
 12 () Irmãos 13 () Outro: _____

11 ONDE VOCE COSTUMA DORMIR FREQUENTEMENTE? (Pelo menos 3 vezes na semana)

- 1 () Em casa 2 () Nas bancas de feira 3 () Nos bancos de praça
 4 () Sob viadutos e pontes 5 () Albergue 6 () Em abrigo institucional
 7 () Não tem lugar certo 8 () Em edificações em construção 9 () Em edificações abandonadas
 10 () Nas calçadas 11 () Pensão / Pousada 99 () NS/NR
 12 () Outro: _____

12 QUANTAS NOITES DA SEMANA VOCÊ DORME NAS RUAS?

- 1 () Todas as noites 2 () De 1 até 3 noites 3 () De 4 até 6 noites
 4 () Nenhuma noite 9 () NS/NR

13 QUANDO VOCÊ DORME NA RUA, VOCÊ DORME COM QUEM?

- 1 () Com o Pai 2 () Avós 3 () Companheiro(a) 4 () Amigos
 5 () Com a Mãe 6 () Com os Filhos 7 () Não Parentes 8 () Sozinho
 9 () Com os Pais 10 () Outros parentes 11 () Padrasto / Madrasta 99 () NS/NR
 12 () Irmãos 13 () Outro: _____

14 HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ ESTÁ NA RUA?

- 1 () Menos de 3 meses 2 () De 3 meses até 6 meses 3 () Mais de 6 meses a 1 ano
 4 () Mais de 1 ano até 3 anos 5 () Mais de 3 anos até 5 anos 6 () Mais de 5 anos até 10 anos
 7 () Mais de 10 anos 9 () NS/NR

15 VOCÊ ESTÁ MATRICULADO NA ESCOLA?

- 1 () Sim 2 () Não → pular p/ 17 9 () NS/NR.

16 VOCE ESTÁ FREQUENTANDO A ESCOLA?

- 1 () Sim 2 () Não 9 () NS/NR

16.1 SE SIM, NOME DA ESCOLA:

() _____ Série _____ () NS/NR

16.2 EM QUE HORÁRIO/TURNO OCORREM AS AULAS?

1 () Manhã 2 () Tarde 3 () Noite 9 () NS/NR

17 POR QUE VOCÊ NÃO ESTÁ ESTUDANDO (para quem não está estudando)?

18 QUAL A ÚLTIMA SÉRIE QUE VOCÊ CONCLUIU?

1 () Nunca estudou 2 () Alfabetizado (apenas) 3 () 1ª série 4 () 2ª série
 5 () 3ª série 6 () 4ª série 7 () 5ª série 8 () 6ª série
 9 () 7ª série 10 () 8ª série 11 () 1º ano E. M. 12 () 2º ano E. M.
 13 () 3º ano E. M. 14 () Supletivo 15 () Ensino Especial 99 () NS/NR

19 VOCÊ PARTICIPA OU JÁ PARTICIPOU DE ALGUM PROGRAMA PARA ATENDIMENTO DE CRIANÇAS/ADOLESCENTES E JOVENS DO GOVERNO?

1 () Sim, participo 2 () Já participei 3 () Nunca participei 9 () NS/NR

19.1 SE PARTICIPOU OU PARTICIPA INFORME QUAL: (Questão de múltipla escolha)

1 () Agente Jovem/Olinda Jovem 2 () Bolsa Escola 3 () Ciranda da Criança
 4 () Estação Futuro/ Centro da Juventude 5 () PMAC 6 () CRIA/ Sentinela
 7 () LA 8 () Olinda Alerta 9 () PETI
 10 () Casa de Acolhimento 11 () Escola Aberta 99 () NS/NR
 12 () Outro: _____

20 VOCÊ PARTICIPA DE ALGUMA ATIVIDADE RECREATIVA/EDUCACIONAL PROMOVIDA POR ESCOLAS, ASSOCIAÇÕES, ONG'S, IGREJAS, CLUBES, ETC.?

1 () Sim 2 () Não 9 () NS/NR

20.1 SE SIM, QUAIS? (Citar até 3)

Quem promove	Tipo de atividade	Tempo de participação (em meses)	Quantas vezes	
			Sem	Mês
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____	_____

21 VOCÊ PARTICIPOU DE ALGUMA ATIVIDADE RECREATIVA/EDUCACIONAL PROMOVIDA POR ESCOLAS, ASSOCIAÇÕES, ONG'S, IGREJAS, CLUBES, ETC.?

1 () Sim 2 () Não 9 () NS/NR

21.1 SE SIM, QUAIS? (INDICAR ATÉ 3)

Nome da instituição	Tipo de atividade	Tempo de participação	
		Sem	Meses
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____

22 QUAL O MOTIVO QUE LEVOU VOCE A PROCURAR A RUA? (RESPOSTAS MÚLTIPLAS)

- 1 () Trabalhar/ Ganhar dinheiro 2 () Arranjar comida 3 () Convite / influência de amigos
 4 () Imposição da família 5 () Acompanhar os pais 6 () Acompanhar parentes / companheiro
 7 () Foi abandonado pela família 8 () Morte do(a) responsável 9 () Uso de drogas pelos pais / familiares
 10 () Pelo consumo de drogas 11 () Violência Doméstica 12 () Violência Sexual
 13 () Ameaça na comunidade 14 () Pela aventura / lazer 15 () Para ter liberdade
 99 () NS/NR 16 () Outros: _____

ATIVIDADE REALIZADA NA RUA (Observação de entrevistador – observar a atividade que estava desenvolvendo na hora em que foi abordado)

23

- 1 () Pedindo sozinho 2 () Trabalhando sozinho 3 () Usando drogas
 4 () Pedindo com adulto 5 () Trabalhando com adulto 6 () Sujeito à exploração sexual (até os 17 anos)
 7 () Perambulando 8 () Brincando/divertindo-se 9 () Prostituição (a partir de 18 anos)
 10 () Dormindo 11 () Impondo serviços 12 () Outros: _____

24 QUANDO VOCÊ ESTÁ NA RUA, COMO VOCÊ SE ALIMENTA?

- 1 () Compra 2 () Cata no lixo
 3 () Leva de casa 4 () Vai em escolas/instituições
 5 () Pede nas casas/bares/restaurantes 6 () Pede aos transeuntes 9 () NS/NR
 7 () Outros: _____

O QUE VOCÊ MAIS GOSTA NA RUA? (Apenas uma resposta)

25

26 O QUE VOCE MENOS GOSTA NA RUA? (Apenas uma resposta)

27 VOCÊ PENSA EM SAIR DAS RUAS?

- 1 () Sim 2 () Não → pular p/ 27.2 9 () NS/NR

27.1 SE SIM, O QUE PRETENDE FAZER QUANDO SAIR DA RUA?

27.2 SE NÃO, PORQUÊ?

28 QUAL O SEU MAIOR SONHO?
